

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL
Instituto de Ciências Humanas Comunicação e Artes - ICHCA
Departamento de História - Pós-Graduação

MÚSICA TAMBÉM É HISTÓRIA

As bandas de música em Marechal Deodoro e a tendência cívico-militar no seu repertório tradicional.

Adélia Maria de Amorim Magalhães

Maceió

2006

ADÉLIA MARIA DE AMORIM MAGALHÃES

MÚSICA TAMBÉM É HISTÓRIA

As bandas de música em Marechal Deodoro e a tendência cívico-militar no seu repertório tradicional.

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado, Universidade Federal de Alagoas - UFAL, sob a orientação do Prof. Francisco Tadeu da Silva.

Maceió

2006

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL
Instituto de Ciências Humanas Comunicação e Artes - ICHCA
Programa de Pós-Graduação em História

FOLHA DE APROVAÇÃO

MÚSICA TAMBÉM É HISTÓRIA

As bandas de música em Marechal Deodoro e a tendência cívico-militar no seu
repertório tradicional

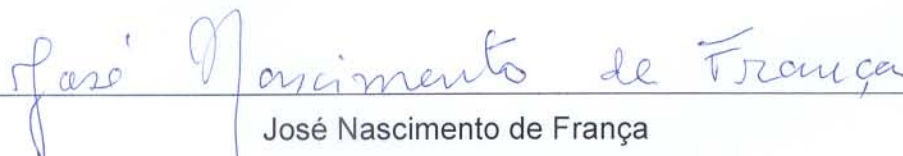
Adélia Maria de Amorim Magalhães

Dissertação submetida ao corpo docente do Programa de Pós-Graduação em História
Social da Universidade Federal de Alagoas e aprovada em 19 de dezembro de 2006

Banca Examinadora



Orientador: Francisco Tadeu da Silva
Universidade Federal de Alagoas



José Nascimento de França
Universidade Federal de Alagoas

Douglas Apratto Tenório
Fundação Educacional Jaime de Altavila

Maceió
2006

Dedicatória

Ao meu avô Angeolino Costa,

que, na sua simplicidade interiorana, revelava-se um erudito no gosto pela música. E via nas bandas de música de sua terra o maior motivo para orgulhar-se de sua gente.

Homenagem

Ao ex-presidente e orador oficial da Sociedade Musical Carlos Gomes, Epaminondas de Araújo Barros, que, com seus discursos recheados de informações históricas, encantava-nos com o vigor da sua eloqüência.

AGRADECIMENTOS

Aos ex-presidentes da Carlos Gomes, na pessoa do seu dedicado presidente e atual regente Gerson Geraldo, que se dispôs a ajudar-me durante a pesquisa.

Aos presidentes da Santa Cecília e da Manoel Alves de França, pela colaboração no fornecimento de dados e depoimentos.

Aos alunos músicos, pelo empenho e dedicação à música de banda da nossa Marechal Deodoro.

Ao professor Ms. Francisco Tadeu, pela orientação.

Ao professor Sebastião Grangeiro Neto, pela força e incentivo aos meus empreendimentos.

Ao Carlos Roberto, companheiro e amigo, que pacientemente compreendeu minhas ausências e me deu suporte para a consecução deste trabalho.

“A Sociedade Musical Carlos Gomes, desde sua fundação em 15 de novembro de 1915, vem contribuindo, efetivamente, para o alevantamento cultural de nosso Estado, particularmente dando seu testemunho na musicalidade alagoana, exportando valores para as outras Unidades da Federação, com seus músicos integrando as Polícias Militares e o Exército Brasileiro”.

Prof. Sebastião Grangeiro Neto

“A música é um fenômeno acústico para o prosaico; um problema de melodia, harmonia e ritmo, para o teórico; e o desdobrar das asas da alma, o despertar e a realização de todos os sonhos e anseios para quem verdadeiramente ama”...

Kurt Fahlen

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS

LISTA DE GRÁFICOS

RESUMO

ABSTRACT

INTRODUÇÃO

CAPÍTULO I - MÚSICA: SOM, SENTIDO, SENTIMENTO... UM CAMINHAR PELO TEMPO. 18

CAPÍTULO II - INTRODUÇÃO DA MÚSICA NO BRASIL 25

2.1 - BRASIL COLÔNIA: 1530 A 1808 25

2.2 - BRASIL IMPÉRIO 29

2.3 - BRASIL REPÚBLICA 30

CAPÍTULO III - MARECHAL DEODORO, UMA CIDADE MUSICAL 32

CAPÍTULO IV - AS FILARMÔNICAS EM MARECHAL DEODORO 38

4.1 - SOCIEDADE MUSICAL FILARMÔNICA SANTA CECÍLIA 39

4.2 - SOCIEDADE MUSICAL CARLOS GOMES - UMA ESCOLA DE APRENDIZAGEM E PROFISSIONALIZAÇÃO. 40

4.2.1 Ex-PRESIDENTES DA SOCIEDADE MUSICAL CARLOS GOMES..... 45

4.3 - FILARMÔNICA MANUEL ALVES DE FRANÇA 48

CAPÍTULO 5 - FILHOS ILUSTRES..... 51

CAPÍTULO VI - ANÁLISE DOS DADOS E APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS 54

6.1 - PESQUISA APLICADA A ALUNOS DA SOCIEDADE MUSICAL CARLOS GOMES..... 54

CONCLUSÃO 58

REFERÊNCIAS..... 61

ANEXOS 63

RELAÇÃO DOS ANEXOS..... 63

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Orquestra Sinfônica	21
Figura 1: Primeiro documento em notação musical relativo à música dos índios	25
Figura 3: Igreja de Santa Maria Madalena e Convento da Ordem Terceira de São Francisco (Marechal Deodoro-AL).....	33
Figura 4: Sociedade Musical Filarmônica Santa Cecília	39
Figura 5: Foto da Diretoria Atual	67
Figura 6 : Sociedade Musical Carlos Gomes Maceió -Praça Dom Pedro II – Assembléia . Legislativa.....	68
Figura 7: Maestro Pedro da Riqueta regendo a Carlos Gomes. Bairro Taperaguá, Marechal Deodoro (AL).....	68
Figura 8: Placa de fundação da SMCG	68
Figura 9: Palácio Provincial: Hoje Prefeitura Municipal Mal. Deodoro.....	68
Figura 10: Hasteamento da Bandeira durante as comemorações de 15 de novembro, referindo-se aos fatos: Proclamação da República e Aniversário da Sociedade Musical Carlos Gomes. 69	
Figura 11: Maestros Gerson Geraldo e Edison Camilo, durante a comemoração de aniversário da Banda Sociedade Musical Carlos Gomes	69
Figura 12: Ensaio da Sociedade Musical Carlos Gomes	69
Figura 13: Desfile cívico da Sociedade Musical Carlos Gomes - Mal. Deodoro (AL).....	70
Figura 14: Apresentação da Sociedade Musical Carlos Gomes - Teatro Deodoro AL	70
Figura 15:- Apresentação do Coral Carlos Gomes na sede da Sociedade	70
Figura 16: Apresentação da Banda Sociedade Musical Carlos Gomes - Coreto Praça Pedro Paulino.....	70
Figura 17: Dobrado mais antigo da Sociedade Musical Carlos Gomes - 1915.....	71
Figura 18: Hino de Alagoas – partitura datada de 1912	72
Figura 19: Hino Oficial da Sociedade Musical Carlos Gomes (1995) - Letra e Música de Adélia Maria de A. Magalhães - Arranjo: Maestro Edison Camilo de Moraes.....	73
Figura 20: Hino Oficial da cidade de Marechal Deodoro.....	74

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Como chegou à Escola de Música Carlos Gomes?	54
Gráfico 2 – Pretende ser profissional de música?	54
Gráfico 3 – Pretende ter outra profissão? Em caso afirmativo, qual?	54
Gráfico 4 – É músico por vocação? (refere-se à pergunta 5)	55
Gráfico 5 – Prefere a parte teórica ou prática?	56
Gráfico 6 – Qual seu instrumento favorito?	56
Gráfico 7 – A Sociedade Musical é local propício para as aulas?	56
Gráfico 8 – O ensino da música atrapalha outras atividades?	57
Gráfico 9 – Há quanto tempo estuda música?	57
Gráfico 10 – Já se apresentou em público?	57

RESUMO

Foi tentando satisfazer a um anseio e curiosidade que veio a decisão de buscar, investigar, conhecer e tentar explicar a razão da presença da música, especialmente da música de banda na cidade de Marechal Deodoro. O presente trabalho procura retratar a vigorosa tendência musical da cidade, quando destaca a presença de pelo menos três importantes filarmônicas ou escolas de música, a saber: Sociedade Musical Filarmônica Santa Cecília, Sociedade Musical Carlos Gomes e Filarmônica Manoel Alves de França. Dificuldades existiram para sua elaboração principalmente pela escassez de material bibliográfico e/ou estudos anteriores para subsidiá-lo, fato atenuado pela considerável colaboração das pessoas na comunidade, maestros, alunos que nos forneceram dados importantes e complementadores para esta pesquisa. A metodologia utilizada incluiu uma pesquisa qualitativa e quantitativa. O trabalho em pauta foi fundamentado e apresentado da seguinte forma: o primeiro capítulo foi reservado para um breve histórico sobre a música; o segundo capítulo contempla a introdução da música no Brasil (Colônia, Império, República); o terceiro capítulo refere-se à cidade de Marechal Deodoro, sua formação histórica, situação geográfica e influência cívico-militar e músico-cultural na carreira e profissionalização de grande parte dos seus filhos homens; o quarto capítulo dedica-se às Bandas Filarmônicas: Santa Cecília, Carlos Gomes e Manoel Alves de França; o quinto capítulo destaca alguns filhos ilustres da cidade de Marechal Deodoro.

Palavras-chave: Marechal Deodoro, Banda, Filarmônica, Repertório, Sociedade Musical.

ABSTRACT

It went trying to satisfy to a longing and curiosity that the decision came from looking for, to investigate, to know and to try to explain the reason of the presence of the music, especially of the band music in Marechal Deodoro's city. The present work tries to portray the vigorous musical tendency of the city, when it highlights the presence of at least three important filarmônicas or music schools, to know: Musical Society Filarmônica Santa Cecília, Musical Society Carlos Gomes and Filarmônica Manoel Alves of France. Difficulties existed mainly for its elaboration for the shortage of material bibliographical e/ou previous studies to subsidize him, fact attenuated by the people's considerable collaboration in the community, maestros, students that supplied us important data and complementadores for this research. The used methodology included a qualitative and quantitative research. The work at issue it was based and presented in the following way: The first chapter was reserved for a brief one historical on the musi; the second chapter contemplates the introduction of the music in Brazil (Colony, Empire, Republic); the third chapter refers to Marechal Deodoro's city, its historical formation, geographical situation and civic-military and musician-cultural influence in the career and professionalization of its peoples' great part; the fourth chapter is devoted to the Bandas Filarmônicas: Santa Cecília, Carlos Gomes and Manoel Alves from France, thee fifth chapter highlights some illustrious sons of Marechal Deodoro's city.

Word-key: Marechal Deodoro, Band, Filarmônica, Repertoire, Musical Society.

INTRODUÇÃO

A música está presente em todo o mundo e caminha em paralelo com a humanidade, ocupando um espaço especial e imprescindível na formação da cultura dos povos.

A música, com suas múltiplas funções, influencia o comportamento humano, intervém na formação do caráter, desperta a sensibilidade, altera o *modus vivendi* do indivíduo, de um grupo ou de um povo. A música tem essa capacidade de comunicar, de promover a compreensão, o entendimento e a interação, por ser uma linguagem universal. Inúmeros são os benefícios causados por ela e amplamente utilizados nas diversas áreas do comportamento humano. Na sua multiplicidade de papéis, funciona como calmante ou como estimulante, como entretenimento, como ocupação, como lazer, como terapia, como profissão, como fomentação da criatividade e tantas outras formas de influir e construir perspectivas de uma nova vida em sociedade. A música pode ser um caminho para o bem estar e para a prática da cidadania. Assume ainda um caráter de mudança cultural ou de continuidade, nos distintos contextos sociais, enfrentando conceitos e comportamentos coletivos que resultam de processos estruturais.

Mudanças culturais acontecem lentamente e continuamente. E refletem alterações da realidade social enfrentada, gerando, em conseqüência, novas mudanças.

De acordo com Koellreutter (1977), um novo tipo de sociedade condiciona um novo tipo de arte. Porque a função da música varia de acordo com as exigências colocadas pela nova sociedade emergente. Uma nova sociedade governada por um novo esquema de condições econômicas, mudanças na organização social e, portanto, mudanças nas necessidades objetivas dessa sociedade, resultam em uma função diferente de arte.

Continua esse autor afirmando que a nova sociedade, que está começando a existir, uma sociedade de massa, tecnológica, industrializada, implica uma forma de arte integrada nessa sociedade e encara a arte como um meio de informação e de comunicação, incluindo-a entre os processos que tornam possível a sua existência.

Na nova sociedade, o conceito de representação da música é essencial à existência do ambiente tecnológico e o instrumento de um sistema cultural que enlaça todos os setores deste mundo construído pelo homem.

A música, numa escala sempre crescente, tende a tornar-se o instrumento universal da comunicação entre os homens, porque, nas diferentes áreas da sociedade em que a comunicação se processa, torna-se importante universalmente; a música, pois, precisa de uma função social, a fim de realizar eficientemente seu papel na sociedade.

Segundo Vásquez, (1967), nenhuma investigação pode ser considerada definitiva ou encerrada...

A “práxis” corresponde à ação propriamente dita, à atividade de prática humana que produz algo: uma atividade material do homem social.

O homem comum é um ser social e histórico e encontra-se envolvido numa rede de relações sociais. Sua cotidianidade está condicionada histórica e socialmente. Sua consciência nutre-se das aquisições que incorpora: idéias, valores, juízos e preconceitos, etc. e sua relação é direta e imediata com as coisas.

O homem é um ser prático e espontâneo, capaz de superar com suas próprias forças a sua concepção das coisas, espontânea e irreflexiva para ascender a uma verdadeira concepção filosófica da práxis.

O homem se faz a si mesmo e se eleva ou se degrada através de sua atividade prática material ou pelo caminho inverso da idéia, do pensamento, da consciência filosófica, da contemplação.

Platão defende que a teoria deve ser prática, ou que o pensamento e a ação devem caminhar juntos e manter-se em unidade. A teoria se ajusta plenamente à prática, deixa de ser um saber puro e cumpre uma função social e política.

(O artista e o artesão: um é capaz de criar obras de arte, o outro é capaz de produzir objetos utilitários).

A composição musical surge do pensamento criativo, está intrínseca no sujeito que a concebe, elabora e a transforma em sons.

O objeto é exterior ao homem e a sua atividade. O objeto se opõe ao sujeito.

Marx é bastante explícito ao afirmar que a Práxis é o fundamento do mundo em que hoje nos desenvolvemos, sem que isso importe na negação de uma natureza anterior à práxis.

Há, dentro da sociedade, vários campos de atividades que podem ser intensificados e desenvolvidos através da música aplicada: por exemplo, no campo da educação em geral, no campo do trabalho, na medicina e nos setores de planejamento, na administração, nas relações inter-humanas, na terapia e reabilitação sociais, etc. Tudo resulta positivamente como benefício pessoal e coletivo.

É pretensão deste trabalho de pesquisa tomar, por objeto de estudo, a “Banda de Música”, em Marechal Deodoro, por entendê-la como fenômeno cultural, social, educativo e histórico com tendência cívico-militar em seu repertório tradicional, influenciando, caracterizando uma comunidade, o que sugere um questionar e refletir sobre esse bem cultural, natural e coletivo, vivido e participado por um povo de raízes coloniais, como bem serve de modelo e representa a cidade de Marechal Deodoro.

Investigar, conhecer e entender as relações sociais, educativas e histórico-culturais que as bandas de música exercem naquela cidade constitui-se razão deste estudo.

Por ser a banda de música uma organização social e educativa, exerce, como tal, uma relação integrativa com a comunidade.

Ao longo de quase um século, na cidade de Marechal Deodoro, a música de banda vem se mantendo como tradição sócio-cultural e histórica, por vezes sofrendo influências naturais das mudanças culturais e sociais que ora afetam ou não seu comportamento tradicional. Essas influências, ditas até benéficas, são favoráveis à sua evolução e desenvolvimento. Isso se constitui num processo coletivo, abrangente e até necessário à salutar atualização de conhecimentos, experiências e crescimento grupal.

Segundo Burke (1989:137), há portadores de tradição que são conservadores arraigados e há aqueles que, apesar de tradicionalistas, arvoram-se a uma nova reinterpretação do tradicional, segundo sua visão preferencial.

Ao que parece, a Sociedade Musical Carlos Gomes não foge a esse conceito. Segundo citação do maestro José Ramos, a formação inicial resultou de um processo de mudança ocasionado por fatores internos entre alguns dos seus membros que pertenciam à Sociedade Filarmônica Santa Cecília, que dela se afastaram e formaram a Sociedade Musical Independente, que em 1915 recebeu o novo nome de Sociedade Musical Carlos Gomes, numa justa homenagem a um dos maiores expoentes da música brasileira, Antônio Carlos Gomes.

A escolha e interesse em dedicar este estudo à música, em especial à música de Banda e/ou Filarmônica em Marechal Deodoro, surgiram da observação, do desejo de conhecer e da constatação da forte e significativa musicalidade do povo dessa cidade que por tradição e gosto pela música, é conhecida como uma cidade musical.

São de fundamental importância histórica, social, cultural e educacional, o cultivo da música e a manutenção desse arquivo vivo, próprio dessa cidade nascida no período Brasil Colônia e que ainda hoje conserva fortes traços daquele período, em sua estrutura física e sócio-cultural;

Marechal Deodoro, tradicionalmente é considerada um celeiro de músicos. Quando não profissionais, são amadores, simpatizantes e/ou amantes da música. Conta com três Bandas Filarmônicas, duas das quais, quase centenárias, e com repertório tradicionalmente cívico-militar e moderno. Conta ainda com duas bandas de pífano e vários grupos de execução musical dedicados à MPB, ao canto coral e à música folclórica.

Por caracterizar-se Marechal Deodoro como uma cidade com traços coloniais em seus aspectos histórico-físico-geográficos e sociais, já tendo sido tombada pelo Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, há que se reconhecer a importância social e educacional das escolas Filarmônicas de música na formação cultural e profissional dos jovens e sua grande contribuição ao desenvolvimento da cultura musical.

As bandas de música no processo histórico, sócio-cultural e educacional, na cidade de Marechal Deodoro, têm-se firmado como importantes e integralizantes ao longo deste quase um século de vivência musical, quando se manifestam favoráveis à sua permanência e preservação, levando a crer que, segundo dados colhidos

através de entrevistas e depoimentos, pelo menos um membro de cada família fez ou faz parte das bandas de música da cidade.

Para realização deste trabalho, foi feita uma pesquisa qualitativa e quantitativa em alguns aspectos característicos tais como: delimitação do tempo e formulação de hipóteses quanto aos pesquisados. Instrumentos e técnicas foram utilizados, entre eles a observação participada, a história ou relatos de vida, análise de conteúdos, pesquisa bibliográfica e documental, entrevistas, observação in loco, questionários aplicados, coleta de depoimentos.

A metodologia foi desenvolvida tomando-se como referências o resgate histórico e a pesquisa bibliográfico-documental, utilizando-se como instrumento de pesquisa questionários, relatos, depoimentos etc, já referidos no parágrafo anterior.

O levantamento histórico sobre a participação da Banda de Música na vida da cidade de Marechal Deodoro, sua influência na profissionalização de seus integrantes, a tendência dos mesmos a seguir a carreira militar e a justificável presença do gênero “Dobrado” no seu repertório tradicional, especificamente no período de 1985 a 1995, foram tomados para estudo de amostragem estatística, seguido de análise documental e histórica sobre a criação das bandas, consideradas como uma instituição de forte influência no cenário desse município.

CAPÍTULO I - MÚSICA: SOM, SENTIDO, SENTIMENTO... Um caminhar pelo tempo.

Não há povo, por mais antigo, que não tenha demonstrado manifestações musicais.

Na verdade, não há linguagem mais criativa, mais instintiva, mais primitiva e mais comunicativa, do que a música. Acredita-se que, mesmo de forma rudimentar, a música precedeu à linguagem falada.

A tendência do homem para a música não é uma invenção arbitrária ou artificiosa, mas lhe foi sugerida pela própria natureza. O homem não fez mais do que se apropriar, para fins expressivos e artísticos, de elementos que se encontram já em ato, no mundo que o circunda e no seu próprio organismo.

O som é a matéria prima fundamental à arte musical. É ele para o músico o que o corante é para o pintor; ou o que a voz é para o cantor. Na pintura, o quadro é vivificado por cores; na música também o ornamento confere à obra mais graça e vigor, polindo a melodia, dando-lhe maior brilho e valor.

A história da música está relacionada à história de vários povos, e o seu registro está muitas vezes mesclado de mitos ou lendas. Os chineses, por exemplo, acreditam na origem da música, como sendo uma lenda.

(...) era uma vez um sábio mandarim em viagem que adormeceu à beira de um bambuzal. Enquanto dormia, chegou um bando de pica-paus que cavaram orifícios de vários tamanhos nas varas de bambu. Como começasse a ventar, o mandarim acordou ouvindo a mais bela das músicas. Para os chineses, teria nascido assim a música. (PEDROSA: s/d, 1)

A natureza se realiza em ritmo não apenas nos fatos físicos, mas também nos próprios organismos vivos: movimentos, pulsações, respiração, etc. As batidas regulares do coração e a respiração, juntas, realizam um movimento ternário. As passadas, o andar, o movimento natural dos braços ao caminharmos etc., um movimento binário. Na música, o ritmo constitui-se “numa ordem estética da sucessão dos valores ou figuras musicais, que se reproduz identicamente ou semelhantemente uma ou mais vezes”. Segundo Mendes (1997: 02), “O ritmo é o ponto contato/participação do homem com a natureza”.

Há uma harmonia natural em torno dos sons produzidos na natureza, desde o rugido do mar, ao canto das aves ou das águas de uma cascata. A própria voz humana possui harmonia, melodia, ritmo, musicalidade.

É curioso notar-se que é muito mais fácil apreender-se o som rítmico de dois martelos batendo na bigorna do que os sons harmônicos ou de entonação. Assim concebe-se que os instrumentos rítmicos, de percussão são anteriores aos tonais.

O som tem sentido quando podemos sentir vozes, silêncios, barulhos, acordes, harmonias, tocatas, em diferentes épocas espaços e sociedades. (MENDES, 1997, p. 2).

A voz - instrumento tonal e primeiro a ser utilizado pelo homem - foi inicialmente aproveitada por ele, ritmicamente.

O cristianismo provocou grandes transformações no campo da música, supervalorizou o canto como expressão musical, contrapondo-o à música pagã da corte romana.

Nos mosteiros cantava-se e compunha-se como um meio de entrar em contato direto com Deus. A voz humana era o veículo de comunicação com o eterno. Daí o canto gregoriano.

Só a partir da voz, surgiram os instrumentos tonais artificiais.

As escalas de sons harmônicos dos povos primitivos são formadas por poucos sons, variando de povo para povo, mais tarde aumentando o número de sons e completando-se em escalas.

O sentimento musical no decorrer dos séculos se desenvolve e se apura e se aperfeiçoa em harmonia natural, chegando a constituir as escalas, base tonal fundamental da música. O culto pela música e consciência da sua força expressiva nos fazem reconhecer sua potência sobre-humana.

As tendências sócio-culturais também são refletidas na música do nosso tempo. As profundas mudanças sociais que abalaram o mundo no começo do século XX influenciaram o pensar e o fazer música. Ressurgem novas formas musicais com resultados modernos, que bem refletem, com a força do real, a verdade da nossa época. Assim também a música de banda sofre influência e tende a “modernizar” seu repertório, mesmo enfrentando os tradicionalistas.

A música se faz sentir desde o bater de um tambor pré-histórico quase inaudível nos longes do tempo até no som ensurdecido dos trios elétricos acionados a mais de cem mil decibéis. Para Nietzsche, “A vida sem a música é simplesmente um erro, uma tarefa cansativa, um exílio”. Para ele, a música é a afirmação da existência.

O historiador John Manchip White, em sua clássica obra “O Egito Antigo”, assim se refere aos instrumentos e à musicalidade dos egípcios: “A música fazia parte da vida cotidiana dos egípcios: música nos banquetes e nos festivais, nas ruas e no lar. As orquestras eram compostas por homens e mulheres e incluíam os instrumentos a que hoje chamamos de corda, de sopro e de metal”. (WHITE, 1966: 178).

Para os gregos, a música é um dos mais importantes veículos de transmissão do conhecimento e elemento facilitador do contato com o mundo dos espíritos. Para eles, a música tem um poder transcendental.

Na atualidade, a música atingiu tantas manifestações que as pessoas se encontram no turbilhão ensurdecido da vida da cidade, onde o som das máquinas produz uma musicalidade nova e diferente. Entretanto, dentro de cada um, no mais íntimo do cada ser, há o reencontro das várias destinações da música quando é associado a uma prece, uma batalha, um ritmo fúnebre, uma festa, enfim a qualquer um desses momentos que a vida origina. E sente-se a necessidade de embora acompanhando a mudança, preservar e enaltecer o real valor da música tradicional.

No cenário atual, as orquestras fazem a ponte abstrata entre a música tradicional e a moderna, permitindo o conhecimento mútuo de musicalidades diferentes, conjugando o tradicional e o novo.

Orquestra¹ é um conjunto instrumental organizado de maneira que as diferentes sonoridades e timbres concorram para a execução de uma obra musical, destinada unicamente a instrumentos, ou ao acompanhamento do canto.

A arte de bem distribuir as diferentes linhas melódicas de uma composição, entre os diversos instrumentos da orquestra, considerando os timbres e possibilidades de cada instrumento, constitui-se a orquestração.

Orquestra Sinfônica ou orquestra de Ópera são, em tese, idênticas em sua formação. Grande número de instrumentistas sob a regência de um maestro – que se dedica geralmente a executar música erudita, sinfonias, poemas sinfônicos – aberturas ou acompanhamento instrumental de óperas ou corais.

Figura 1 - Orquestra Sinfônica



Orquestra de Câmara - modernamente significa o conjunto de 10 ou mais instrumentistas sob a direção de um regente. Às vezes formada só de cordas, outras vezes inclui alguns instrumentos de sopro ou percussão.

O verdadeiro fundador da orquestra e primeiro compositor de ópera foi Cláudio Montverdi (1567-1643), que criou, em 1607, uma orquestra com 36 figuras, das quais 20 instrumentistas de cordas, para o acompanhamento de sua ópera “Orfeo”. A formação e o número de componentes de uma orquestra tem sofrido mudanças. Novos instrumentos foram inventados e/ou incorporados à orquestra conferindo-lhe um número razoavelmente grande de componentes.

O conjunto de instrumentos de uma orquestra constitui-se numa unidade organizada e harmoniosa, composta por quatro "naipes" ou "famílias" de instrumentos, a saber: cordas, madeiras, metais e percussão.

Instrumentos de Corda:

Os que produzem som, por meio de vibração de cordas, sejam elas friccionadas, dedilhadas ou percutidas.

- Friccionadas: violinos, violas, violoncelo e contrabaixo.

¹. Cap. V. Enciclopédia Delta Larousse

- Dedilhadas: harpa, cravo.
- Percutidas: piano (teclas - cordas percutidas por martelos)

Metais e Madeiras:

É importante entender que a diferença principal entre os instrumentos do naipe dos metais e o das madeiras, não é o material com que são constituídos, mas como produzem seu som. As madeiras têm orifício ao longo do comprimento do seu tubo e o som é produzido pela vibração de palhetas (na flauta ou flautim, pela borda do orifício de embocadura). Nos metais, o som é produzido pela vibração dos lábios em contato com o bocal do metal.

Percussão:

Percussão inclui: tambores, pratos, tímpanos, bombo, caixa clara, triângulo, pandeiro, xilofone, celesta, carrilhão, castanholas, maracas, etc. e tudo mais que possa ser percutido, ou que cause algum efeito sonoro audível.

Outras Orquestras:

As Bandas Militares e/ou Bandas Filarmônicas são orquestras de médio porte, em número de 40 a 60 componentes e instrumentos, em sua maioria de sopro, onde os violinos são substituídos por clarinetas.

A Banda Filarmônica no panorama social de uma comunidade tem uma enorme importância cívica para os jovens, pois os bons hábitos de cidadania, disciplina, ordem, solidariedade, pontualidade e, sobretudo, vivência grupal são cultivados e surtem efeito visível.

Segundo opinião do maestro Antonio Saiote² (Portugal – Jun/2005), uma filarmônica é um viveiro, é um sítio onde um jovem pode aprender a tocar um instrumento e um local onde se podem descobrir jovens com aptidões para a vida profissional. (Entrevista Patrocinada por Cardoso & Conceição).

Há uma carência de trabalhos escritos que comprovem estudos feitos e que discutam com linguagem acessível as possibilidades de se lidar com o conhecimento e o fazer musical, ainda mais quando se trata da específica música de banda.

² <http://www.bandasfilarmonicas.com_entrevista_antoniosaiote.php.htm>acesso em: 9 de julho.

É importante a oferta de subsídios que venham contribuir com a pesquisa e com os fundamentos teóricos de que o pesquisador se vale para elucidar e complementar seu estudo.

“A sociologia exige que as funções sejam estudadas, do ponto de vista social e coletivo, procurando-se encontrar sua utilidade social.” (VIRTON, 1966,112)

Há que se ter o cuidado para que as escolas Filarmônicas não parem no tempo. Uma coisa é preservar, outra é estagnar.

Certamente a banda não perderá sua função, por mais que a tecnologia avance e transmudem os hábitos. Os tempos mudam, os meios de comunicação se modernizam e parecem dominar as massas. Ainda assim a banda resiste, troca o uniforme, introduz novos ritmos e arranjos, mas não se deixa engolir ou aniquilar pela invasão da comunicação eletrônica. Mantém-se fiel, pura, telúrica e ingênuo porque é e representa a cultura de um povo.

As bandas de música estão ligadas à história da música popular brasileira, mesmo trazendo influências européias ou alienígenas.

As bandas são verdadeiros arquivos musicológicos, carregados de preciosidades manuscritas e reinterpretadas que permanecem vivas no ouvido e na sensibilidade do povo.

Pode-se conhecer ou interpretar a história de uma comunidade pelo gosto musical que cultiva, assim como “um bom músico pode-se perceber apenas por uma nota que executa...” (Maestro e Prof. Antônio Saiote – Portugal, 2005).

O repertório da banda é uma mensagem direta, uma lição instintiva e natural que naturalmente é assimilada e incorporada.

A música de banda constitui-se uma cultura que educa, influencia o comportamento humano e enriquece o seu conhecimento e sensibilidade.

A banda para a comunidade interiorana é a manifestação musical, ao vivo, mais completa. Segundo o maestro Naegele, “é o único recado musical; a única forma de o povo conhecer música”. Claro que há outras vertentes informativas de música: o rádio, a televisão, Internet, formas facilmente comparáveis e distinguíveis, mas que não têm a mesma força e função que a executada ao vivo.

A banda de interior é talvez o único veículo da música erudita ou clássica para a comunidade e o seu mais importante patrimônio cultural não-institucional.

Grandes músicos das orquestras sinfônicas do país começaram nas bandas ou filarmônicas das pequenas cidades. Não temos um levantamento exato de quantos músicos passaram pelas filarmônicas de Marechal Deodoro e que se espalharam pelas diversas corporações do país, mas sabemos que quase todos os regimentos ou corporações musicais do Brasil possuem membros oriundos das bandas de Marechal Deodoro. Some-se a isso, um século de atividades formando e desenvolvendo talentos e habilidades musicais que são lançados na sociedade que de certa forma os absorve.

CAPÍTULO II - INTRODUÇÃO DA MÚSICA NO BRASIL

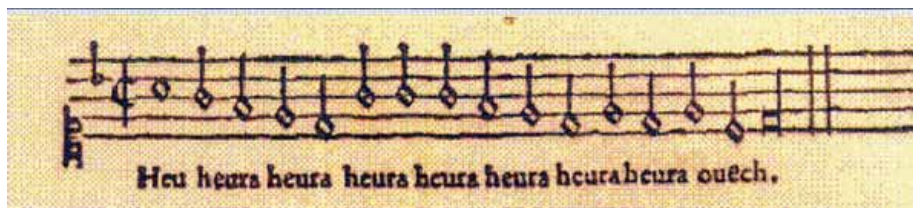
2.1 - *Brasil Colônia: 1530 a 1808*

A história do nosso passado musical, mais rico do que se costuma pensar, carece ainda de muito estudo e divulgação, e de uma consciência histórica, no que se refere à chamada "música erudita brasileira". Há, no Brasil, uma nítida consciência musical européia. Tudo o que aqui se produziu nesses quinhentos anos de existência, merece incontestavelmente a adoção de uma posição estética e sócio-histórica, sobretudo quanto à nossa auto-afirmação musical nacional.

A música brasileira poderia ser tomada em duas partes: A primeira, desde o descobrimento até o período que chamamos romântico - início do século XX. E manifestações musicais pós-românticas, o modernismo - um segundo tempo do romantismo - para só então distinguirmos a música contemporânea.

Os indígenas foram nossas primeiras manifestações musicais. Já por ocasião da primeira missa, quando quinhentos a seiscentos silvícolas não cessaram de dançar e cantar de modo harmonioso, numa algazarra com cadência e estribilho que qualquer um diria conhecerem música. - "Hê, he, ayre, heyrá, heyrare, hayra, heyre, uêh".

Figura 2: Primeiro documento em notação musical relativo à música dos índios.³



Depois deles, não há dúvida de que os jesuítas foram os primeiros professores de música no Brasil, visando, sobretudo, à catequese e aos indígenas. Esses padres escreviam autos e utilizavam a música como instrumento de conversão. Ensinavam as crianças indígenas a cantar, tocar flauta e depois viola e cravo. Muito importante também a ação dos "mestres-de-capela" que vieram de Portugal trazendo para cá sua música, suas danças e seus cantares.

No século XIV, já existiam em algumas cidades alemães, bandas de música utilizando instrumentos de sopro.

No século XV, os instrumentos de corda começaram a popularizar-se.

No século XVIII surge o estilo artístico-cultural e musical Barroco com conseqüências profundas em Portugal e no Brasil. “Com a chegada dos jesuítas – o cantochão gregoriano; melodia sem acompanhamento em que eram cantados os textos da liturgia católica.” (CALDAS, 1985: 6)

A contribuição africana e sua influência na formação da música brasileira foram bem mais fortes que a indígena, desempenhando importante papel na história da música colonial no Brasil. A musicalidade inata do africano o destinava a ser criador e intérprete da música que se fazia então no Brasil.

Os padres e os ricos importavam da Europa, especialmente de Portugal, instrumentos e música escrita na pauta. Tem-se notícia de que já em 1610, na Bahia, um deles possuía uma banda de música com 30 figuras, todos negros, escravos, tendo como regente era um francês provençal. Também em Pernambuco tem-se registro das conhecidas “chameleiras” que eram pequenas bandas formadas por hábeis intérpretes negros. Os grupos se espalharam pelo Brasil Colônia. O Nordeste brasileiro foi fortemente influenciado por esta música, “Charmelleyros” em Recife. No Rio de Janeiro, na Fazenda Santa Cruz, administrada pelos jesuítas, os escravos tinham seu tempo dividido entre o trabalho e a aprendizagem da música, destacando-se a música sacra, para coral, com a prática de vários instrumentos e a formação de bandas. Mais tarde, a escola passou a chamar-se Conservatório de Santa Cruz, de onde surgiu o talentoso Mestre de Capela Pe. José Maurício Nunes Garcia, “o padre que morreu cantando”.

Padre José Maurício Nunes Garcia nasceu no Rio de Janeiro, em 1767. Filho de escravos, muito cedo já demonstrava voz afinada e começou a tocar viola e a cantar modinhas. Estudando com Frei Elias latim, grego, matemática, mostrou-se muito inteligente e aplicado, mas a música era sua preferência. Ensinava música e teve como aluno o Grande Francisco Manoel da Silva, compositor do Hino Nacional. Foi nomeado mestre do coro da Igreja do Rosário e depois Inspetor da Capela Real.

³TRAVESSOS.Elizabeth. Pesquisa e música: revista do Centro de Pós-graduação, Pesquisa e Especialização do Conservatório Brasileiro de Música. Vol. I, Rio de Janeiro: 1984.

Sofreu bastante preconceito pela sua cor. Era admirado por D. João VI e por D. Pedro I, especialmente. Compôs missas (hinos sacros, motetes, modinhas e uma ópera chamada Zemira). Morreu com serenidade entoando um hino a Nossa Senhora.

Afirma Kiefer (1982:17):

O estudo da música militar no período colonial é importante, do ponto de vista de formação de profissionais, da difusão e conseqüente comércio de determinados instrumentos, da participação de músicos militares em outras atividades musicais, do ensino, da difusão de repertório e instrumentos na população.

Importantes são as referências à "música militar" e a forte relação e influência por ela exercida. Na Bahia, o mais antigo centro cultural do Brasil, as atividades musicais estão sempre ligadas à Igreja e às corporações militares. Guilherme de Melo, autor da primeira história da música brasileira, diz: "Com relação às festas da Igreja houve tempo em que talvez por imitação de D. João VI, cada rico, cada Senhor de Engenho, não poupava sacrifícios para festejar, com toda pompa e solenidade, o Santo de sua devoção". (MELO, 1947: 264).

Renato Almeida menciona a criação, em 1645, de "uma banda do exército com clarins, charamelas e outros instrumentos belicosos". A música militar na Colônia foi importante quanto à formação de profissionais, difusão e comercialização de instrumentos, além da participação de músicos militares em outras atividades junto à população. (ALMEIDA, obra cit. p. 292)

No século XVII, começaram a surgir as "irmandades" de música, sendo a mais importante a de Santa Cecília, cuja sede estava em Lisboa funcionando como "Sindicato dos Músicos". A exemplo dela, a Irmandade de Santa Cecília dos Músicos, em 1787, fundada por Álvares Pinto, mestre de Capela da Igreja de São Pedro, em Recife, com (37) trinta e sete músicos.

As escolas de atividades musicais foram proliferando e difundindo-se: Irmandade do Santíssimo Sacramento das Ordens Terceiras do Carmo, Franciscanos, Beneditinos, Carmelitas, Oratorianos, etc. Vale lembrar que existem Irmandades de Pretos, Mulatos e Brancos e que o Aleijadinho pertencia à Ordem de São José dos Homens Pardos. Os diretores de conjuntos ou regentes formavam verdadeiros conservatórios musicais, onde os alunos viviam, se alimentavam e

recebiam aulas de música, latim, canto orfeônico e outras matérias, conferindo-lhes muitas responsabilidades e posição social elevada.

A prática da música militar deu ao Brasil Colonial o amor pelos instrumentos de sopro e metais, preferência ainda hoje cultivada nos povoados mais remotos do país - o que de certa forma vem justificar a assertiva que diz ser a cidade de Marechal Deodoro celeiro de músicos e de orquestras cívico-militares, as valorosas "Bandas de Música" ou filarmônicas. E assim a música tomou grande impulso no setor cívico, popular, o que ainda hoje persiste.

Vale registrar a criação das primeiras Escolas de Música em Marechal Deodoro, objeto deste estudo: Sociedade Musical Santa Cecília, fundada em 07 de setembro de 1910 e Sociedade Musical Carlos Gomes, em 15 de novembro de 1915. Depois surge a banda do SESI, em 1966, hoje, Sociedade Musical Manoel Alves de França.

Com a chegada de D. João VI ao Rio de Janeiro (1808), houve um grande impulso tanto na música religiosa como na profana. A música rococó era do gosto da corte, e Pe. José Maurício a ela se ajustou competindo com seus rivais.

A tradicional música de banda, secular, histórica e colonial, certamente penetrou na consciência cultural do povo, atingindo a maioria das cidades interioranas que ainda não sofreram o desenfreado processo de cosmopolitização.

Segundo informações contidas nos arquivos do Projeto Bandas do Instituto Nacional de Música da FUNARTE, havia, em 1984, um cadastro de 900 bandas em funcionamento espalhadas pelo país, das registradas como sociedades civis. Pergunta-se: e as que não são registradas ou não possuem estrutura jurídica, mas que existem e funcionam exercendo suas funções comunitárias, sociais e artísticas? Segundo o maestro Oswaldo Cabral, professor da Banda dos Fuzileiros Navais, só no Estado da Bahia, qualquer cidade do interior possui uma ou mais bandas. E muitas não estão catalogadas no referido inventário. No Estado do Rio de Janeiro, existem centenas de bandas de música em funcionamento e em sua maioria quase centenárias. Acredita-se que a vitalidade das bandas e o aumento de corporações musicais, o ingresso do grande contingente de jovens em servir as forças armadas e interesse das comunidades vêm reafirmar a íntima relação entre o músico de banda e a carreira militar. Embora, nos tempos atuais, a diversidade de ofertas por novas

profissões constitua um leque de escolhas, onde o jovem tem maiores chances para diversificar seus conhecimentos profissionais, ainda existe uma grande parcela que opta pela música.

2.2 - Brasil Império

Precursos do Nacionalismo Musical Brasileiro

Acredita-se que a primeira peça de sabor nacionalista e erudita tenha sido escrita por Basílio Itiberé da Cunha, com a composição "A Sertaneja", datada de 1869.

1º Brasil Império: 1821-1831 (D. Pedro I)

Em 1831, surgem as bandas de música da Guarda Nacional, dando início ao desenvolvimento das bandas militares e civis nos grandes centros urbanos do Império, logo se espalhando pelas cidades interioranas. As apresentações nos coretos e nas festas cívicas faziam das bandas militares uma referência obrigatória de diversão nas cidades. Logo surgiram bandas civis imitando sua formação, tocando músicas para bailes e apresentando-se nos coretos das praças.

Dom Pedro I, que trazia a música no sangue, compunha e executava vários instrumentos. É autor do hino da Independência, o hino de Carta Constitucional, este composto após abdicação e figurou como hino Nacional de Portugal até 1910. Compôs o Credo para solista, coro e orquestra, Te Deum para soprano, coro e orquestra. Foi aluno de Marcos Portugal e Sigismund Neukomm.

2º Império a 1889, com D. Pedro II

Surge também Carlos Gomes (1836-1896) - expressão máxima musical do Brasil e da América no século XIX. Dedicou-se especialmente ao teatro lírico. Entre outras obras, sua ópera "O Guarani" foi ovacionada no Teatro Scala de Milão (1870). Dele disse Verdi: "Esse moço começa onde eu termino". Sua obra impressionou e glorificou o Brasil, pela grandiosidade da inspiração e grande expressão musical nacional.

Após Carlos Gomes outros autores se destacaram no campo da música lírica, entre eles João Gomes de Araújo (1872-1963) que deixou numerosa música instrumental, coral, de câmara, pianística e religiosa.

2.3 - Brasil República

Já no crepúsculo do Império surge excelente grupo de músicos brasileiros, bifurcando-se em duas correntes, uma cosmopolita, com tendências herdadas de outros países onde seus autores estudaram e outra nacionalista. Depois reunidos numa só com franca produção nacional. Destacam-se: Leopoldo Miguez (1850-1902) autor do hino da Proclamação da República; Francisco Braga (1871-1945) - óperas Jupira e Anita Garibaldi - Hino à Bandeira; Glauco Velásquez (1884-1914), Carlos Mesquita, Araújo Viana, Alexandre Levy, Alberto Nepomuceno, Barroso Neto, entre outros.

Após esse período romântico convergem para a música moderna, a figura de Heitor Vila Lobos (1888-1959), tão representativo no seu momento histórico quanto Antônio Carlos Gomes no século anterior. Sua produção é numerosíssima, de grande imaginação, criatividade independente e variada, indo desde a música de Câmara a concertos para orquestra, bailados, poemas sinfônicos, óperas, destacando-se as famosas Bachianas Brasileiras.

Também Luciano Gallet (1893-1931) merece nota pelas importantes peças vocais e de câmara e vários "Estudos de Folclore" reunidos.

Outros autores como: Francisco Mignone (1897), Camargo Guarnieri (1907) e Mário de Andrade (1893-1945).

Ainda na Época Republicana - (1889) de 1870 a 1919 - Idade de ouro do choro brasileiro: Barroso Neto, Salvador Marins, Luciano Gallet, etc. E a segunda geração dos grandes compositores brasileiros.

A Semana da Arte Moderna (1922) teve um efeito preponderante para o reconhecimento dos méritos da música de caráter nacional, que acabou sendo paulatinamente aceita como arte moderna.

Pode-se citar com orgulho, como grandes da música brasileira MPB: Ernesto Nazaré (obra vastíssima), Francisco Braga (o Braguinha), Barroso Neto e muitos outros de igual valor.

Música popular - É um termo que designa vários tipos de música. Geralmente, a expressão música popular é usada em contraposição à música erudita, que se destina à orquestra sinfônica, óperas ou balés.

O termo música popular inclui uma diversidade de estilos musicais, como música folclórica e música caipira; música de jazz, de comédias musicais e de trilhas sonoras de filmes, música de rock etc.

A música popular inclui, de maneira geral, melodia e letra e abrange grande variedade de assuntos. Algumas músicas populares retratam fatos atuais, inclusive crises e tragédias do país. Outras refletem fatos divertidos, tendências e preferências do momento. A história de muitas nações pode ser contada através da sua música popular, pois a música traduz a historicidade de um povo.

CAPÍTULO III - MARECHAL DEODORO, UMA CIDADE MUSICAL

Marechal Deodoro, Penedo e Porto Calvo formam o grupo das primeiras povoações que deram origem ao Estado de Alagoas. Com origem assinalada no final do século XVI, Marechal Deodoro, primitivamente chamou-se Vila de Madalena, Madalena da Subaúma, Santa Maria Madalena da Lagoa do Sul, passando depois a chamar-se Alagoas do Sul e Alagoas, devido à presença, em seu território, das duas lagoas mais importantes da região, Manguaba e Mundaú. Foi sede do governo de 1817 até 2 de novembro de 1839, quando a capital passou a ser Maceió.

O município de Marechal Deodoro tem 334 km² de extensão territorial, repletos de história, cultura e beleza, retratados quer no seu casario colonial, nas igrejas, nos prédios oficiais, nas ruas estreitas e tortuosas, fragmentos do passado em todos os seus recantos, quer na beleza natural dos coqueirais que se estendem pelo litoral de lindas praias, ilhas e manguezais emoldurados em parte pela Mata Atlântica ou pela lagoa Manguaba, onde a pacata e ainda provinciana cidade se debruça e nesse cenário bucólico, parece nos recontar importantes fatos da história do Brasil, vivenciados pela sua gente.

Com uma população de 42.793 habitantes, segundo dados fornecidos pelo IBGE (2005) e um agradável clima quente e sub-úmido, Marechal Deodoro, que é patrimônio histórico do Brasil, foi também berço da colonização e do grande Manuel Deodoro da Fonseca, o Marechal Proclamador da República.

A cidade de Alagoas teve seu nome mais uma vez mudado. Agora para Marechal Deodoro, em 9 de novembro de 1939 por Decreto-Lei do governador Osman Loureiro, numa justa homenagem ao seu filho mais ilustre, o Proclamador da República, Marechal Deodoro da Fonseca, pertencente a numerosa família de 10 irmãos, dos quais, 8 militares e com presença marcante relacionada à história do país.

Marechal Deodoro, por sua situação geográfica, é uma cidade lacunar e atlântica, além de ser entrecortada pelos rios Sumaúma, Utinga, Remédios e alguns riachos. Possui ainda cinco conhecidas ilhas: Santa Rita, do Porto, das Cabras, do Maranhão e dos Bois. É, pois, nessa geografia banhada por águas salgadas e

doces, onde se desenrolam importantes fatos da nossa história e onde encontramos razão para os nossos costumes e tradições. Está situada a apenas 30 quilômetros da atual capital do Estado, Maceió.

Marechal Deodoro, Penedo e Porto Calvo, primeiras e históricas povoações do Estado, tornaram-se ponte e parada obrigatória para viajantes, desbravadores e missionários franciscanos que, vindos da Bahia, margeando o São Francisco, foram formando núcleos e se espalhando pelos sertões para catequizar os índios. Assim justificam-se o surgimento dos vários núcleos religiosos a construção de capelas e igrejas e a formação de paróquias.

Em 1585, foi criado o primeiro convento franciscano do Nordeste, na Vila de Olinda - Pernambuco. Daí, até 1660, outros 22 conventos foram construídos, sendo três deles em Alagoas, exatamente em Penedo, Porto Calvo e em Marechal Deodoro. Neste último, o convento da Ordem Terceira de São Francisco e a Igreja de Santa Maria Madalena, que abriga o Museu de Arte Sacra com um rico acervo de mais de duzentas peças.

Figura 3: Igreja de Santa Maria Madalena e Convento da Ordem Terceira de São Francisco (Marechal Deodoro-AL)



Entre 1560 e 1880, foram construídas, em Marechal Deodoro, sete igrejas, sendo a primeira delas a do Senhor do Bonfim, em Taperaguá, datando aproximadamente de 1562. Em seguida vieram as igrejas de Nossa Senhora do Amparo, a Matriz de Nossa Senhora da Conceição, Nossa Senhora do Rosário dos

Homens Pardos, Nossa Senhora do Carmo, e o Complexo Igreja de Santa Maria Madalena e Convento da Ordem Terceira de São Francisco, já citado e Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem no bairro Barro Vermelho.

Marechal Deodoro está edificada em três planos. O primeiro plano, na parte baixa que margeia a lagoa, possui algumas ladeiras de acesso, com calçamento de pedra, ruas estreitas e sinuosas, com casario tipicamente colonial, que preserva, em algumas delas, as características do século XVII. Possui alguns prédios importantes e imponentes em sua arquitetura barroco-colonial como o antigo Palácio do Governo, onde hoje funciona a Prefeitura, o velho prédio da cadeia pública onde já funcionou a Casa da Câmara e o Armazém do Sal, a casa onde nasceu o Proclamador da República e primeiro Presidente do Brasil, Marechal Deodoro da Fonseca, situada na rua dos Mortos, hoje transformada em museu. Alguns sobrados com sacadas e varandas impõem-se em meio às casas conjugadas e com beirais coloniais.

As sedes das filarmônicas Santa Cecília e Sociedade Musical Carlos Gomes, datadas do começo do século XX, funcionam como escola de música, local de ensaios e apresentações das Bandas, além de local para reuniões e eventos. Como toda cidade interiorana, Marechal Deodoro, histórica e tradicional, também possui o que é comum a quase todas elas: igreja, praças, “coreto”, banda de música, delegacia etc. com um enfoque especial para o número de igrejas católicas e a grande vocação musical do seu povo, ainda hoje possuindo três numerosas e importantes Bandas de música, com escolas de formação musical, absorvendo em torno de 400 alunos, freqüentando os salões de aulas e ensaios.

Por estar cercada de água e pela sua tradição histórica e cívico-militar, Marechal Deodoro concentra grande número de pescadores e músicos que geralmente seguem a carreira militar. As mulheres, em sua maioria, dedicam-se ao artesanato, tecendo lindas peças de labirinto (feito no tear, espécie de grade de madeira onde é esticado o pano para ser bordado), além das rendas e outras peças ornamentais que são comercializadas através de associações e/ou cooperativas de rendeiras. Também o turismo tem seu lugar de destaque e fonte de renda, além da indústria açucareira hoje incorporada através da Usina Sumaúma e alguns Engenhos que estão sendo revitalizados, a exemplo do Engenho São Vicente pertencente ao Grupo Mário Dâmaso Agro Pecuária, com a promessa de em breve

produzir melaço, açúcar mascavo, aguardente, rapadura e outros derivados, como uma espécie de resgate da cultura dessa região.

O município de Marechal Deodoro ainda conta com outras indústrias e a instalação do pólo cloro-álcool-químico, indústria de grande porte, mas que, na verdade, quase não absorve a mão-de-obra do município por exigir grau de escolaridade e especialização para o trato com o produto.

A gastronomia é típica e variada, incluindo: crustáceos, peixadas, frutos do mar em geral, doces e saborosas cocadas.

As festas religiosas e cívicas da cidade constituem um vasto calendário anual de comemorações, a saber:

1º a 06 de janeiro - Festa do Senhor do Bonfim e Reis, em Taperaguá - com tradicional parque de diversões armado na rua, com a presença das Bandas de música e folguedos populares.

Dia 20 de janeiro - comemorado o dia do “Mastro” de São Sebastião - acompanhado por devotos e a banda de pífano “esquentá muié”, também em Taperaguá.

Fevereiro - Carnaval e Festival de Verão (datas móveis)

8 de Março - elevação de vila a cidade com desfile escolar acompanhado pelas bandas de música e hasteamento da bandeira.

Dia 19 de março - dia de São José - antecedido por novena e procissão no bairro da Poeira. O dia de São José, por tradição, é dia do plantio do milho para ser consumido em S. João.

22 de março - dia do Folclore. Pastoril, baianas, reisado, guerreiro, cavalcadas, chegada e outros.

23 a 29 de abril - Festa da Divina Pastora – Povoado da Massagueira.

16 a 22 de maio - Festa de Santa Rita, Padroeira da Ilha do mesmo nome.

13 de junho - Santo Antônio antecedido pela “Trezena” rezada todas as noites com canto de benditos e rosário a Santo Antônio. Celebrado em várias Igrejas.

20 a 24 de junho São João - Com a queima de fogos e da tradicional fogueira nas portas das residências e na praça. Forrós, quadrilha matuta, comidas típicas à base de milho e coco, folguedos populares, banda de pífano, sanfoneiro e grupos regionais para animar a festa na praça, no clube e em palhoções construídos pela prefeitura ou pela própria comunidade. O São João é mais autêntico e comemorado no povoado Pedras.

26 a 29 junho - São Pedro - igualmente comemorado no Centro Histórico da cidade.

23 a 26 de julho - Nossa Senhora Santana, no povoado Mucuri e de 30 de julho a 1º de agosto, no Porto Grande.

5 de agosto - nascimento de Marechal Deodoro, desfile militar e estudantil com a presença indispensável das três bandas filarmônicas da cidade, bandas de fanfarra, ex-combatentes, hasteamento da bandeira, visita ao museu e à casa de Marechal Deodoro, parada diante do busto à frente do Palácio Imperial, hoje Prefeitura Municipal e continuação do desfile pelas principais ruas da cidade.

19 a 24 de agosto - Encontro das Artes Centro Histórico.

7 de setembro - Comemorações alusivas à Independência do Brasil

1ª semana de outubro - Festa do Pato do Povoado Massagueira.

Novembro - Baile Histórico (data móvel)

1º a 2 de novembro - Dia de Todos os Santos e finados em todas as Igrejas e visitação aos cemitérios.

15 de novembro - Proclamação da República e aniversário da Sociedade Musical Carlos Gomes.

19 a 21 de novembro - Nossa Senhora da Boa Viagem no bairro Barro Vermelho.

22 de novembro - Dia do Músico.

27 de novembro a 8 de dezembro - Nossa Senhora da Conceição - Padroeira da Cidade, no Centro Histórico da cidade e no Largo da Matriz.

11 a 13 de dezembro - Santa Luzia, no povoado de Barra Nova.

De 20 a 25 de dezembro – Ciclo do Natal, com encenação do Ato do Natal e folguedos populares na praça: pastoril, baianas, guerreiro, chegada, banda de pífano, leilão e as indispensáveis bandas de música, alternando-se a cada noite com seus tradicionais dobrados e música popular brasileira.

A tradição musical, especialmente dirigida à música de banda, em Marechal Deodoro, acaba por constituir-se a identidade cultural do seu povo.

O músico de banda vê sua profissionalização incorporada ao Exército, à ou ao Corpo de Bombeiros. Para ele, a banda não é apenas o exercício de uma arte, ou uma forma de entretenimento ou lazer, mas também representa uma forma de sobrevivência ou uma ponte para a carreira militar. Evidentemente que somadas a isso, a tendência e a aptidão musical que encontrando campo fértil, desenvolvem-se e progridem.

A banda é uma organização cultural capaz de induzir seus membros a uma visão de si mesmos e do contexto onde vivem, além de ser um poderoso instrumento social. É um transmissor de cultura oral e veículo de mudança, mesmo que essa mudança ocorra em longo prazo e quase imperceptivelmente.

A introdução de inovações gera novos hábitos e estes, nova aprendizagem, que gera mudança de comportamento, que resulta em mudança cultural.

A tecnologia é responsável por um alto percentual nas mudanças culturais de um povo ou comunidade. Ao jovem do interior são oferecidas menos oportunidades de lazer, entretenimento e/ou profissionalização. Poucas são as opções de escolha e muitas as dificuldades de acesso aos bens públicos.

Conforme observação in loco, questionários aplicados, depoimentos coletados e dados comparativos, pode-se chegar ao bom termo de que as Bandas Filarmônicas em Marechal Deodoro, em especial a Sociedade Musical Carlos Gomes, despertam nesses jovens o desejo pela carreira militar.

CAPÍTULO IV - AS FILARMÔNICAS EM MARECHAL DEODORO

Houve uma fase assinalada pelo ano de 1885, considerada efervescente, porque foi tomada por uma febre musical no Brasil e também em Alagoas. Era o despertar para a formação de bandas de música e/ou filarmônicas. E havia motivos para tanto: “O estudo da música militar no período colonial é importante, do ponto de vista de formação de profissionais, da difusão e conseqüente comércio de determinados instrumentos, da participação de músicos militares em outras atividades musicais, do ensino, da difusão de repertório e instrumentos na população”... (KEEFER, 1982:17). A forte tendência dos jovens em fase de alistamento militar em servir ao Exército ou à reforçava seu interesse pelo ingresso na banda musical, facilitando-lhe a ascensão na corporação militar.

Marechal Deodoro, por sua situação geográfica, características sócio-culturais e político-militares, possui um perfil *sui generis* onde a predominância das profissões recai entre músicos, militares e/ou pescadores.

Assim, percebem-se a forte influência e clara relação da carreira militar e do ensino musical, com ênfase na música desempenhada pelos músicos de banda, junto à sociedade e sua importância na formação músico-cultural do povo brasileiro. Daí o surgimento de vários núcleos musicais também em Alagoas, que ainda hoje, com todas as dificuldades enfrentadas por essas associações pode contar com grande número de bandas.

A Sociedade sentia necessidade de possuir sua própria “banda” para as comemorações festivas, datas religiosas e oficiais da comunidade. E isso se deu com a grande contribuição do músico militar e da música de banda ou “capela”, o que motivou o desenvolvimento da música instrumental, especialmente a marcha, a marcha rancho, o frevo, o dobrado, gêneros tão comuns e característicos dessas bandas. Essa fase também ficou conhecida como a “Época das Filarmônicas”. Muitas cidades aderiram a esse movimento cultural. E em Marechal Deodoro (Alagoas de então), surge a primeira filarmônica, que recebeu o nome de Santa Cecília, para homenagear a Santa protetora dos músicos.

4.1 - Sociedade Musical Filarmônica Santa Cecília

Foi pelo desejo e determinação do Padre Belarmino, pároco do lugar, que queria ver a procissão do Sagrado Coração de Jesus acompanhada por uma banda de música, a primeira iniciativa de formação de uma banda para a cidade de Marechal Deodoro. Convocou então seu irmão e músico Numo Barbosa para que o ajudasse nesse sentido. Como a data da festa do santo estava próxima e não havia tempo para preparar alguns músicos, lá foi Numo Barbosa com seu instrumento “trompete” e apenas um bombo como percussão, fazendo o papel da sonhada banda pelo padre Belarmino, a acompanhar o cortejo. Dali uniu-se a um grupo de outros idealistas e amantes da música, representantes da sociedade e fundaram a Sociedade Musical Filarmônica Santa Cecília, em sete de setembro de 1910, quando teve a primeira diretoria assim constituída: Presidente Padre José Belarmino Barbosa, Tesoureiro – Manoel Emiliano de Araújo e maestro o músico trompetista Numo Barbosa. A partir daí o gosto pela música encontrou eco e adeptos e, no decorrer deste quase um século, muitos jovens iniciaram sua carreira musical e dela se valeram como profissão e entretenimento. Hoje possuindo cerca de 140 músicos atuantes, mantém-se essa primeira escola de música em Marechal Deodoro, embora enfrentando dificuldades e percalços.

Figura 4: Sociedade Musical Filarmônica Santa Cecília



4.2 - Sociedade Musical Carlos Gomes - Uma Escola de Aprendizagem e Profissionalização.

Segundo informações do compositor, arranjador e maestro José Ramos, tem-se notícia de que foi a partir de uma divergência entre alguns dos membros da filarmônica Santa Cecília, uma facção de 20 músicos dela se desligou e, corroborando com a assertiva de que “mudança gera mudança” formou a Sociedade Musical Independente, que, em 15 de novembro de 1915, recebeu o nome oficial de Sociedade Musical Carlos Gomes, homenageando um dos maiores expoentes da música no Brasil, Antônio Carlos Gomes. (Ver ata de fundação Anexo nº 1). Vale ressaltar que Carlos Gomes nasceu em Campinas - São Paulo, a 11 de julho de 1836. Seu pai era mestre de música e possuía uma banda da qual os filhos homens também eram músicos. Aos 10 anos de idade já tocava vários instrumentos, possuía agradável voz de tenor, e dava aulas de solfejo e teoria musical para ajudar ao pai. Morre aos 60 anos o extraordinário musicólogo, compositor e maestro Antônio Carlos Gomes, reconhecido mundialmente como um gênio musical de quem o Brasil se orgulha.

A Banda recebe variada nomenclatura, dependendo de sua formação ou função: Sociedade Musical, Filarmônica, Euterpe, Lira, Clube Social, Corporação Musical, Grêmio, Agremiação Beneficente, Grupo, Operária, entre outros. A Banda é um símbolo cultural que a tradição teima em preservar, embora sofra influências comuns ao processo de mudança social e cultural e até rivalidades entre grupos antagônicos.

Os políticos, a Igreja, a Escola e a própria comunidade têm na Banda, uma aliada, uma força presente nas várias circunstâncias, ocasiões e momentos importantes da cidade. A Banda representa um apoio, uma atração, um reforço, um toque de animação ou entretenimento em qualquer comemoração, evento ou solenidade, sendo ainda convocada para acompanhar cortejos religiosos ou fúnebres.

O caminhar da Sociedade Musical Carlos Gomes, a partir do seu nascimento em 15 de novembro de 1915, tem sido marcado por relevantes acontecimentos e

freqüentes dificuldades, que fazem dela uma entidade respeitada, valorosa e apreciada por todos os que conhecem o seu trabalho e a grande influência que exerce na formação cultural da cidade de Marechal Deodoro.

“A banda Carlos Gomes é parte integrante da nossa cidade e tão importante como a igreja é para todos nós”. (Angeolino F. da Costa, Ex-presidente da Carlos Gomes).

A Sociedade Musical Carlos Gomes, ao longo de seu quase um século de atividade, tem participado dos momentos mais significativos da comunidade, sejam eles solenidades cívico-militares, festas religiosas, políticas, folclóricas, sócio-recreativas entre outras. E tem seu calendário de retretas e apresentações ou “tocatas” na praça sempre com a presença de bom público.

A cada apresentação é comum antes a banda desfilar pelas ruas de acesso ao coreto ou local de exibição, como uma espécie de chamamento ou convite à comunidade.

As apresentações e concertos públicos das Filarmônicas sedimentaram na comunidade o hábito de a eles assistir. Saber ouvir e apreciar uma retreta faz parte da cultura desse povo acostumado ao som dos metais, das madeiras e da percussão, tão familiares e carregados do sentimento que as filarmônicas são capazes de expressar. Essa íntima relação entre as bandas musicais e a comunidade de Marechal Deodoro vem justificar o grande número de deodorenses músicos e a tradição cultural que se mantém pelas várias gerações através dos tempos.

É louvável o trabalho que a Sociedade Musical Carlos Gomes desenvolve e o bem que dissemina na comunidade, pois, além do ensino da música, inclui em seus objetivos a prática da cidadania, da moral e da disciplina entre seus alunos e músicos. Presta essas orientações gratuitamente, capacitando-os como cidadãos e profissionais, ampliando conhecimentos e possibilidades de socialização e inserção no mercado de trabalho. Assim contribui efetivamente para o bem comum e a formação dos jovens, afastando-os da ociosidade, dos vícios, da marginalidade e de outros comportamentos que não condizem com a boa convivência em sociedade. Fazendo parte de suas atividades, mantém formado e atuante o Coral Carlos

Gomes, sob a regência e responsabilidade do maestro Edison Camilo, também integrante da atual diretoria, dela já tendo sido Presidente.

Eis um trecho do depoimento do ex-presidente e orador oficial da Sociedade Musical Carlos Gomes, Epaminondas de Araújo Barros:

“... Aqui faço o meu louvor de gratidão aos Regentes ou maestros que contribuíram com seus ensinamentos, arte e técnica e o nosso reconhecimento pela dedicação, responsabilidade e desprendimento com que sempre cuidaram e trataram os seus regidos. São eles: Prof. e maestro Numo Barbosa, Ovídio Galvão, Francisco Capitulino de Barros, Olímpio Galvão, Ailton Ramos. Além dos abnegados mestres regentes, alguns dos quais sempre presentes às solenidades, ensaios e reuniões e apresentações da banda: Benedito Ramos, Gerson Geraldo, Edison Camilo, Pedro da Riqueta, Manoel Alves, José Cláudio do Nascimento e outros mais de igual valor que merecem menção neste momento. A todos eles, repito, o nosso respeito, gratidão e aplauso.”
(Cadernos de discursos, p. 42)

Desde o seu nascimento, em 1915, a banda ou Sociedade Musical Carlos Gomes já possuiu várias diretorias, renovadas a cada biênio, por eleição direta em assembléia constituída pelos sócios efetivos.

A primeira diretoria da Sociedade Musical Carlos Gomes estava assim constituída:

Presidente - Antônio Anacleto de Oliveira

Vice-presidente - Zacarias Chaves Barros

1º Secretário - Otávio Brandão

2º Secretário - Júlio Gouveia

Tesoureiro - Amerino Lopes Vieira

Diretor fiscal - Joaquim Almeida Filho

Arquivista - Euclides Amorim

Orador Oficial - Lauro de Araújo Jorge

(Ver anexo nº 1 - Ata de fundação)

Método de ensino da Escola Musical Carlos Gomes

Pode-se afirmar que não há um método específico adotado pela Escola, mas há uma mesclagem de alguns e mais conhecidos métodos como: Amadeu Russo, Clori, Maria Luiza Priolli entre outros, com adaptações pelo professor regente, capazes de facilitar a compreensão e aprendizagem desta difícil e bela arte que é a música.

O professor, regente e orientador inclui uma proposta de transformar o aluno em músico, capaz de ler e interpretar partituras, realizando execuções instrumentais como solista ou em grupo, exercitando a improvisação e a criatividade.

Os alunos da Escola de Música Carlos Gomes passam por algumas fases ou etapas de aprendizagem, até se tornarem músicos executantes.

Na primeira fase ou iniciação, o aluno é levado a conhecer a história da Música sucintamente e adquirir noções de notas, sons ou células rítmicas. Concomitantemente lhe são passadas noções de civismo, moral, boa conduta, disciplina, organização, responsabilidade, ordem, assiduidade. Tudo de forma leve, introdutória e sem imposição⁴. Ressalta-se que o estudo e o exercício musical são importantes e imprescindíveis para a formação do músico.

Na segunda fase, que leva de 4 a 5 meses em média, o aluno já exercita a percepção musical, divisão de compassos, o conhecimento das claves, solfejo e primeiras leituras na partitura.

Terceira fase - o aluno e o instrumento. Primeiros contatos e escolha do instrumento. Essa é a fase mais esperada. É normal a curiosidade pelo instrumento e seus mistérios. O prazer da emissão dos sons. Somem-se a isso o estudo, o exercício continuado, a perseverança, a aptidão, sem os quais o aluno não evolui.

Quarta fase - estudo e exercícios práticos são indispensáveis e constantes. Escalas com execução e agilidade, leitura rítmica, conhecimento de linha melódica. Contato com melodias de fácil execução.

Quinta fase - ensaios, treinos em grupo, preparação para execução e apresentação em público.

Repertório - conhecimento sobre os compositores e gêneros musicais.

Estudo e treino - melodias mais complexas, incluindo ornamentos musicais, interpretação, improvisação, etc.

Assim prepara-se o aluno músico na Escola Filarmônica da Sociedade Musical Carlos Gomes, o qual, embora não lhe seja conferido o diploma de formação acadêmica em música, está apto para apresentação em público, sabendo-se que se estuda música até a próxima execução e depois do que foi executado.

⁴ Informações do professor regente Gerson Geraldo, à frente da escola há mais de uma década.

A prática da música é um exercício constante e crescente. E cada execução musical é única.

A Sociedade Musical Carlos Gomes tem sido um veículo de profissionalização e ponte para a carreira militar, preferência de seus integrantes e oportunidade para o desempenho de outras atividades.

Em pesquisa feita “in loco” nos arquivos musicais da Sociedade Musical Carlos Gomes, consultando seus repertórios e identificando, entre as inúmeras partituras que dela fazem parte, os dobrados, antigos ou novos, por ela executados, através de levantamento histórico-documental das partituras utilizadas pela banda, verificou-se a incidência sobre a música cívico-militar (dobrados e marchas), tomando-a para estudo e amostragem.

Através de dados comparativos e gráficos, verificou-se que, no período compreendido entre 1985 e 1995, a prevalência dos dobrados, executados em todas as apresentações, é um indicativo de que a música cívico-militar era prioridade para as bandas e preferida pela comunidade mais tradicionalista. Daí algumas pessoas exclamarem numa espécie de lamento: “naquele tempo a banda de música só tocava dobrado e algumas valsas e poucas marchas carnavalescas”... (Terezinha Oliveira, representante da comunidade). Ainda assim, atualmente, a Sociedade Musical Carlos Gomes inclui em seu repertório alguns dobrados que são bastante conhecidos e indispensáveis, quer nos desfiles de rua quer em retretas:

Dobrados mais executados:

- Batista de Melo
- Dobrado 220
- Barão do Rio Branco
- Abílio Guimarães
- Grande Povo
- Sargento Quixaba
- Recordação de Nazaré
- Tenente Couto
- Quatro Tenentes
- João Luís
- Aviação Embarcada

Atualmente, o repertório está bem mais eclético, incluindo músicas dançantes, MPB e até AXÉ da Bahia, o que desvirtua a tradicional proposta da banda, mas atende a um público jovem e influenciado pelos trios elétricos.

4.2.1 - Ex-Presidentes da Sociedade Musical Carlos Gomes

1º Presidente - Antonio Anacleto de Oliveira

Período - 15/11/1915 a 15/11/1923 (quatro mandatos)

Informações: proprietário rural, dono da fazenda Congó, residiu no prédio do Palácio Municipal. Era o pai da conhecida Dra. Branca (Branca do correio)

2º Presidente - Artur Odorico do Rêgo

Período -15/11/1923 a 15/11/1929 (três mandatos)

Informações: Presidente da Colônia dos Pescadores por vários mandatos e também Prefeito de Marechal Deodoro, residia próximo ao Cartório de dona Lalá, na Rua Tavares Bastos. Foi tabelião e dono do Cartório.

3º Presidente - Antônio Arlindo

Período: 15/11/1929 a 15/11/1939 (cinco mandatos)

Informações: foi músico, tocava requinto, comerciante; dono de farmácia, residia na Praça Pedro Paulino.

4º Presidente - Artur Paiva Rêgo

Período: 15/11/1939 a 15/11/1943 (dois mandatos)

Informações: proprietário rural, dono do Sítio Assovio, localizado próximo a Ribeira. Residia nas proximidades do Convento, onde seu filho, Sr. Antônio Paiva, até hoje reside. Homem de costume elegante, só andava de terno. Foi proprietário do saudoso e único cinema da cidade, o Cine Lene.

5º Presidente - Angeolino Francisco da Costa

Período: 15/11/1943 a 15/11/1947 (dois mandatos)

Informações: comerciante e proprietário rural, dono de padaria e das fazendas Caípe e Bom Jardim. Morava em Taperaguá, onde a casa é mantida até hoje pela família. Foi casado com D. Adélia Costa e teve em sua filha Natália uma Carlista nata. Seus netos, Múcio Amorim e Adélia Amorim, seguem seus passos na Sociedade Musical Carlos Gomes, fazendo parte da diretoria. Esse presidente, por muito tempo, manteve a Escola de Músicos da Carlos Gomes sob suas expensas.

6º Presidente - Napoleão Araújo Barros

Período: 15/11/1947 a 15/11/1963 (oito mandatos)

Informações: filho de um dos fundadores da Carlos Gomes e 1º vice-presidente, Sr. Zacarias de Araújo Barros. Participou ativamente da criação desta Sociedade

Musical. Foi empresário do ramo hoteleiro (Hospedaria Alagoas), e proprietário rural, dono do Sítio Gruta e do Sítio Betânia. Foi o presidente que assumiu o maior número de mandatos (16 anos 8 mandatos). Foi músico, tocava trompa e percussão foi o responsável pela união entre as filarmônicas coirmãs Santa Cecília e Carlos Gomes

7º Presidente - Antônio Tourinho de Paiva

Período -15/11/1963 a 15/11/1973 (cinco mandatos)

Informações: Filho de Artur de Paiva Rêgo herdou de seu pai o amor pela Carlos Gomes. Proprietário rural, é dono do sítio Assovio e da fazenda Tuquaduba. Reside próximo ao Convento onde sempre viveu com seu pai.

8º Presidente - Epaminondas de Araújo Barros

Período 15/11/1973 a 15/11/1985 (sete mandatos)

Informações: Filho de Zacarias de Araújo Barros e irmão de Napoleão ajudou a construir a sede da Carlos Gomes com seus próprios esforços. Cresceu convivendo na Carlos Gomes, foi zelador, arquivista, músico, diretor e presidente. Oficial/Músico da reserva do Exército Brasileiro, ingressou como soldado e tocava piston, bombardino e barítono. Foi presidente da Carlos Gomes durante 14 anos (7 mandatos).

9º Presidente - Benedito Correia

Período 15/11/1985 a 15/11/1987 (um mandato)

Informações: Foi aluno de música do mestre Benedito Gouveia. Residia no Bairro Vermelho. Ingressou no Exército Brasileiro como soldado e hoje, como capitão músico e Regente da Banda do 28º Binf. Motz, toca clarinete e saxofone alto.

10º Presidente - Antônio de Oliveira Amaral

Período 15/11/1987 a 15/11/1989 (um mandato)

Informações: Era comerciante, dono de padaria - Panificação Rio Azul (próxima ao Cais da Lancha), seu Amaral foi um grande desportista, Presidiu também o Canarinho, clube de futebol que foi campeão municipal.

11º Presidente - Múcio José Costa de Amorim

Período 15/11/1987 a 15/11/1991 (um mandato)

Informações: Neto de Angeolino, o 5º presidente desta Sociedade Musical, foi vice-prefeito e prefeito de Marechal Deodoro. É advogado, proprietário rural e dono da fazenda Barreiros. Foi em seu mandato como prefeito que a Câmara de Vereadores aprovou os subsídios para as sociedades musicais, concedendo-lhes uma ajuda de custo equivalente a dois salários mínimos. Múcio mantém a tradição do seu avô, recepcionando todo dia 15 de novembro a Banda Carlos Gomes em Taperaçuá.

12º Presidente - Geraldo Rocha Vieira

Período: 15/11/1991 a 15/11/1992 (meio mandato)

Informações: funcionário da Petrobrás aposentado, mestre em mecânica, Geraldo

reside em Taperaguá e é Ministro da Eucaristia. Foi presidente por um ano.

13º Presidente - Gerson Geraldo de Oliveira

Período 15/11/1992 a 15/11/1993 (meio mandato)

Informações: Assumiu a presidência na renúncia de Geraldo e concluiu o seu mandato. É músico, professor e regente da Sociedade Musical Carlos Gomes.

14º Presidente - Edison Camilo de Moraes

Período 15/11/1993 a 15/11/1997 (dois mandatos)

Informações: Músico clarinetista fez concurso para a Militar de Alagoas, em 30/01/1961, como soldado. Dedicado e estudioso, fez carreira militar como músico. Foi 1º clarinete solista como 1º sargento e prestou concurso para contra-mestre em 1969. Aprovado, chegou ao posto de capitão e mestre da banda de música da gloriosa Polícia Militar de Alagoas. Além de clarinetista, toca sax e outros instrumentos. É também criador e regente do valoroso coral Carlos Gomes, composto por 4 naipes de vozes: sopranos, contralto, tenores e baixos.

15º Presidente - Gerson Geraldo de Oliveira

Período: 15/11/1997 a 15/11/2001 (dois mandatos)

Informações: Aluno de música nesta casa e aprendiz de alfaiate serviu a Militar/AL, chegou a Sargento tocando trompa de harmonia. Em busca de novos horizontes, fez concurso para a Petrobrás, onde serviu por 24 anos, estando hoje aposentado. Integrou várias orquestras no Estado das Alagoas, chegando a apresentar-se na Suíça e Alemanha. Há mais de uma década é Professor Regente da Sociedade Musical Carlos Gomes.

16º Presidente - Edgard Camilo de Moraes

Período: 15/11/2001 a 15/11/2003

Informações: Bacharel em Direito e Músico.

17º Presidente - Ederaldo José S. de Araújo Barros

Período: 15/11/2003 a 15/11/2005

Informações: Filho do ex-presidente Epaminondas de Araújo Barros, Bacharel em Direito, é grande colaborador da Sociedade Musical Carlos Gomes.

18º Presidente - Gerson Geraldo de Oliveira

Período: 15/11/2005 aos dias atuais.

Repertório Tradicional – Ver Anexo nº 11

Pretendeu esta pesquisa também analisar o repertório tradicional executado pela banda, tomando para estudo o período 1985 a 1995. Verificou-se a incidência do gênero dobrado como o preferido para execução a cada apresentação da banda. Dos 230 dobrados relacionados, 11 foram os mais executados, relacionados na página 41.

Vale salientar que atualmente o repertório de execução está bem mais variado e incrementado por novos gêneros, mais dançantes, mais populares e mais ao gosto da juventude do axé e do trio elétrico.

4.3 - Filarmônica Manuel Alves de França

Filarmônica Manoel Alves de França - anteriormente chamada de Banda do Sesi, quando da sua fundação em 1966. A sede ficava na Rua da Matriz, onde aconteciam as aulas e os ensaios sempre administrados pelo seu fundador, Maestro Manuel Alves de França, atualmente com 85 anos de idade, com deficiência auditiva, mas com disposição, dedicação e muita responsabilidade em continuar dirigindo esta escola de jovens músicos.

A Banda Sesi, como ficou conhecida, com apenas um ano de existência e 18 músicos alunos, fez sua primeira apresentação pública, no Palácio do Governo em Maceió, a convite do Sr. Napoleão Barbosa, na época presidente do SESI - Alagoas. A partir daí, as apresentações e convites se sucederam, para vários Estados do Brasil, sempre enfrentando dificuldades, embora subsidiada pelo SESI, com relação ao fornecimento dos instrumentos e a alguma ajuda na manutenção. Em 1994, na administração do prefeito Múcio Amorim, foi instituída uma ajuda de custo no valor equivalente a dois salários mínimos, destinada a todas as bandas Filarmônicas da cidade, o que de certa forma garante a despesa com material de consumo como: palhetas, embocaduras para instrumentos, partituras etc. muito pouco ainda para o grande investimento que é uma escola de música para uma comunidade.

Em 2002, numa justa homenagem ao seu maestro fundador e professor regente até as dias atuais, a banda passou a chamar-se Filarmônica Manoel Alves de França.

Hoje, a Filarmônica possui 110 alunos, sendo que 40 músicos “de estante” compõem a banda e 70 ainda estão em fase teórica, sem instrumento. A maioria dos instrumentos pertencem à banda e são utilizados pelos alunos, sendo que alguns deles já possuem o seu próprio.

Essa Escola de música, como as suas co-irmãs em Marechal Deodoro: Filarmônica Santa Cecília e Sociedade Musical Carlos Gomes, desempenha um

papel relevante na comunidade, quando educa, instrui e profissionaliza o aluno músico, ao tempo em que é facilitadora do seu ingresso e ascensão na carreira militar, pretensão e destino de muitos dos que fazem parte dessas entidades. Essas Filarmônicas preservam e mantêm o gosto pela tradicional música de banda, mesmo com a intromissão de outros gêneros mais modernos e dançantes, o que é natural a uma sociedade que evolui, desenvolve-se e sofre mudanças.

Os músicos por elas são formados estão espalhados pelas várias corporações do Brasil e sempre identificados pela sua postura e conhecimento musical, como sendo oriundos das Filarmônicas de Marechal Deodoro. Muitos dos que saem, mantêm contato com seus maestros mandando-lhes notícias, partituras e agradecem-lhes sempre a formação recebida.

Segundo o Maestro Manoel Alves de França, “a educação musical é o mais rico saber, pois, a partir dela, vem naturalmente a promoção espiritual, grande valor para o ser humano”. Conta-nos ainda, com certa vaidade, que, respondendo a um prefeito que lhe sugeriu que se aposentasse da música para descansar, disse: “Quem trabalha com música não fica velho. Hoje estou octogenário, mas com o mesmo amor e dedicação pelo meu ofício de músico e professor”, completou.

A Filarmônica Manoel Alves também conta com a valiosa colaboração do Regente Tenente Iran e do Capitão Tarciso. O Maestro Manoel Alves começou seus estudos musicais com o Maestro Olímpio Galvão (Prof. Moreno), Regente e Fundador da Filarmônica Santa Cecília. Manoel Alves de França, com seu grande interesse e aptidão para a música, dentro de pouco tempo foi regente dessa filarmônica, no período de 1954 a 1956. Seu método de ensino já foi muito rígido e disciplinado, utilizando ainda a “argüição⁵” ou “sabatina⁶” com os alunos.

Manoel Alves não esconde sua preferência pelos dobrados e marchas cívico-militares, mas admite que é preciso acompanhar as solicitações dos jovens e do público por músicas mais modernas, se bem que ainda hoje se compõem dobrados e marchas, embora em menor escala.

⁵ Argüição - antigo método de ensino em que o Professor argüia ou testava constantemente o saber do aluno, com perguntas incisivas que exigiam respostas imediatas.

⁶ Sabatina - os alunos eram sabatinados, isto é, submetidos a um pingue-pongue de perguntas e respostas entre si, com castigo para cada resposta errada.

O repertório da banda conta com a grande maioria de dobrados, inesquecíveis e imorredouros hinos.

A Filarmônica Manoel Alves de França também é uma entidade pública, sem fins lucrativos e possui uma diretoria composta por músicos e membros da Sociedade. Há um detalhe que merece registro: é que esta filarmônica possui um número maior de mulheres instrumentistas do que as outras bandas já referidas. Em torno de 10% do seu efetivo é composto pela figura feminina.

Mesmo não seguindo um único método de ensino x aprendizagem, o maestro e professor Manoel Alves obtém bons resultados com seus alunos, a ponto de os próprios familiares deles, virem até a escola, agradecer-he e dizer-lhe de sua satisfação pelos filhos músicos. A comunidade de certa forma responde ao esforço e à dedicação do mestre e de seus alunos. Está presente nas apresentações da banda, aplaudindo e ouvindo atentamente cada execução. É comum ouvirmos de um pai ou outro a afirmação “aquele ali é meu filho, ele já toca na banda!”.

Tocar na banda é status, e causa satisfação e orgulho às famílias.

CAPÍTULO 5 - FILHOS ILUSTRES

1. *Manoel Deodoro da Fonseca* - Marechal Deodoro. O proclamador da República nasceu em 5 de agosto de 1827. Marechal Deodoro da Fonseca, terceiro de uma família de dez irmãos, filhos do Major Manoel Mendes da Fonseca e Dona Rosa da Fonseca, ingressou na vida militar em 1845. Desposou Mariana Cecília de Souza Meireles em 1860.

Participou bravamente das Campanhas do Uruguai e do Paraguai, conquistando medalhas e promoções. Em 1884, foi promovido a Marechal de campo, em seguida a Comandante das Armas e Presidente da Província do Rio Grande do Sul.

Em 1889, recebeu a comenda da Ordem do Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, como militar de primeira grandeza.

Em 15 de novembro de 1889, proclamou a República do Brasil e assumiu o governo provisório até 1891. Faleceu em 23 de agosto de 1892 no Rio de Janeiro. Foi sepultado segundo seu desejo: à paisana, despojado de suas insígnias e com apenas a medalha da Confederação Abolicionista.

2. *Rosa Maria Paulina de Barros Cavalcante* - Rosa da Fonseca, mãe de Marechal Deodoro, mulher de personalidade forte, adentrou na história pela sua coragem, desprendimento e vibrante brasilidade.

Teve dez filhos, oito dos quais foram militares, que muito orgulho lhe causaram por terem servido à pátria. Quando tomava conhecimento de que um filho seu morrera em combate, festejava com sua altivez de sentimento. Chegou a proferir a célebre frase: “Prefiro não ver mais os meus filhos; que fiquem todos sepultados no Paraguai, com morte gloriosa no campo de batalha, do que enlameados por uma paz vergonhosa para nossa pátria”.

3. *Alexandre José de Melo Moraes* - 23 de junho 1816-8 setembro de 1882. Médico e escritor, dedicou-se à pesquisa e à literatura. Historiador de reconhecido valor. Principais obras “Os Portugueses Perante o Mundo”, “Elementos de Literatura”, “História do Brasil Reino e do Brasil Império”.

4. *Aureliano Cândido Tavares Bastos* - 20 de abril de 1839 - 3 de dezembro 1875. Intelectual, jornalista e político, formado em Direito e conhecido como o grande Tavares Bastos, foi eleito deputado aos 21 anos de idade. Teve seu nome marcado na história de Alagoas. Escreveu importantes obras como: “A Pronúncia”, “Cartas de um Solitário” e “O Vale do Amazonas”.

5. *Rosalvo Ribeiro* - 26 de novembro 1867 - 29 de abril de 1915. Considerado um dos melhores artistas das artes plásticas, representou a escola acadêmica brasileira. Seus estudos em pintura iniciados no Brasil foram aperfeiçoados em Paris, na Academia Julien, sob a orientação de Jules Lefébre. Grande parte de suas obras faz parte do acervo do Palácio Floriano Peixoto ou Palácio do Governo em Maceió, hoje transformado em museu.

6. *Oscar Joseph de Plácido e Silva* – 18 de junho 1892-1963. Jornalista atuante do Jornal de Alagoas. Foi aluno exemplar da Faculdade de Direito do Paraná, onde foi professor e autor do “Vocabulário Jurídico”, “Tratado do Mandado”, “Noções Práticas do Direito Comercial”, além dos contos “Histórias de Macambira” e “Os dias da Cidade”. Fundou o Correio do Povo e a Editora Guana.

7. *Jerônimo Alves dos Santos* – Maestro Regente, formado pelo conservatório de música Vila Lobos, do Rio de Janeiro. Irmão do também maestro Manoel Alves de França fundador da antiga Banda do Sesi, hoje filarmônica Manoel Alves de França em sua homenagem, e sob sua responsabilidade há mais de 40 anos.

8. *Antônio Misael Domingues* – Grande musicista de reconhecido valor. Foi grande compositor, além de pianista, violinista e flautista. Seu repertório pianístico, numeroso, de grande valor histórico-musical inclui serenatas, polcas, valsas, mazurcas e romances sem palavras. Sua obra foi editada pela Casa Praelle, em Pernambuco e enviada à Alemanha para ser impressa.

Na simplicidade de suas peças muito bem elaboradas, retratava com brejeirice e doçura a vida cotidiana. Com o romance sem palavras “Revelação”, teve seu grande momento, sendo comparado a Schubert e Chopin. Faleceu em 2 de outubro de 1932. Merece ser lembrado com louvor pelo compositor e musicista que foi.

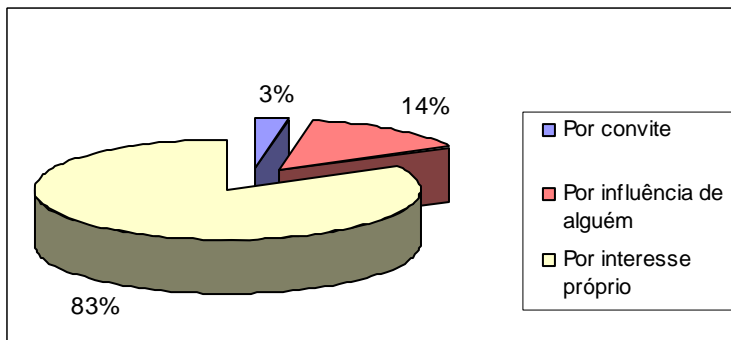
E tantos outros grandes nomes de alagoanos deodorenses que merecem igual destaque e reconhecimento, seja na música, na ciência, na literatura, nas artes em geral, na política, na história.

CAPÍTULO VI - ANÁLISE DOS DADOS E APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

6.1 - Pesquisa aplicada a alunos da Sociedade Musical Carlos Gomes

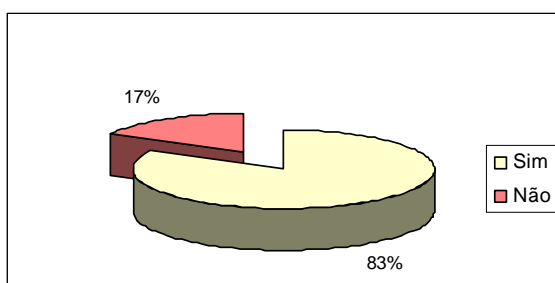
A pesquisa foi efetivada através da elaboração de um questionário (Anexo 10) aplicado a 75 alunos da Escola de Música da Sociedade Musical Carlos Gomes, no município de Marechal Deodoro, cujos resultados estão apresentados em termos percentuais nos gráficos a seguir:

Gráfico 1 – Como chegou à Escola de Música Carlos Gomes?



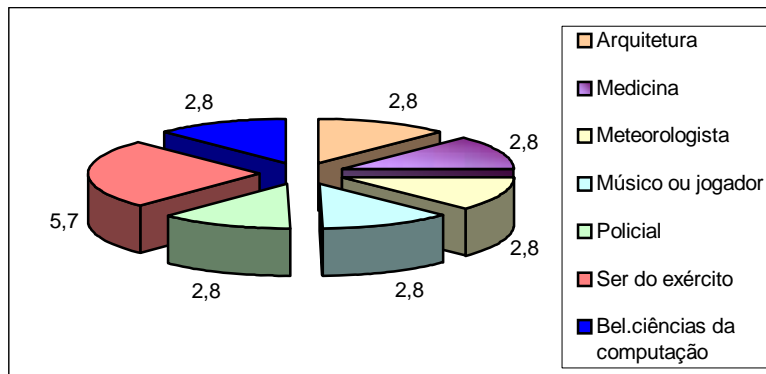
Observa-se nesta questão que a maioria dos entrevistados procura a Escola de Música por interesse próprio e isso evidencia que a comunidade valoriza e tem um desejo de pertencer à instituição musical. Note-se que entre os 75 entrevistados, 83% procuraram espontaneamente a Escola, 14% foram influenciados e apenas 3% receberam convite.

Gráfico 2 – Pretende ser profissional de música?



A referida questão nos leva a afirmar que a grande maioria dos entrevistados vê na música um caminho para a profissionalização, o que de certa forma vem testemunhar a vocação musical dessa juventude.

Gráfico 3 – Pretende ter outra profissão? Em caso afirmativo, qual?

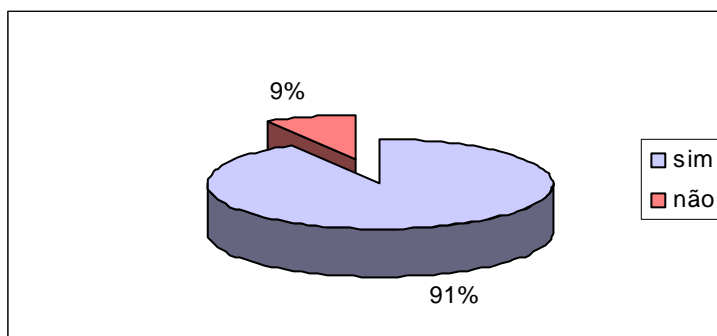


Hoje, com as oportunidades de escolha, o desenvolvimento tecnológico e o acesso fácil às informações, é normal que os alunos e os profissionais de música tenham outras aspirações, embora a incidência maior continua recaindo sobre a carreira militar

4. Ser profissional de música e ter outra profissão ao mesmo tempo

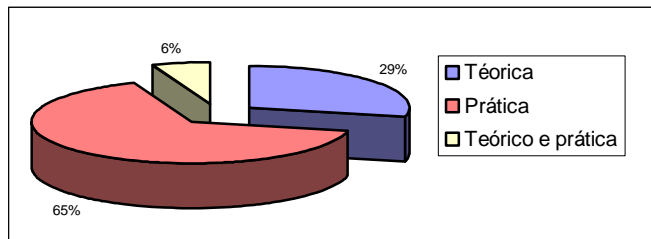
Sobre essa questão, apenas três entre os entrevistados pretendem ser músicos e ter outra profissão, apresentando um percentual de 8,82%, tendo a escolha recaído em computação, jogador de futebol e militar.

Gráfico 4 – É músico por vocação? (refere-se à pergunta 5)



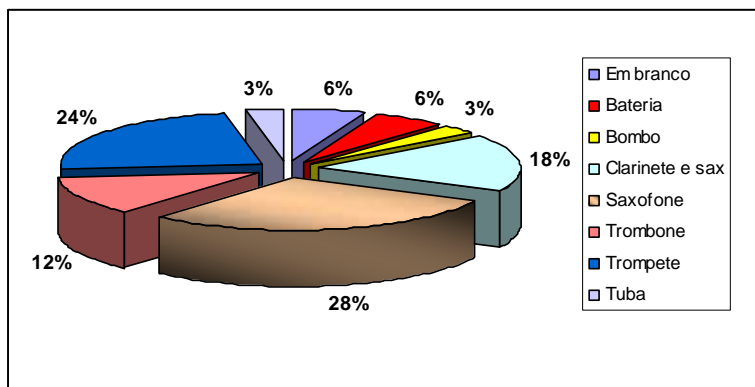
A música é uma arte. E para tanto requer sentimento e talento artístico. Ser profissional e ser vocacionado é uma combinação que resulta positivamente, preenchendo o ego, causando satisfação pessoal e conseqüentemente bom desempenho profissional. Daí o alto percentual de 91% entre os que escolhem a música por vocação.

Gráfico 5 – Prefere a parte teórica ou prática?



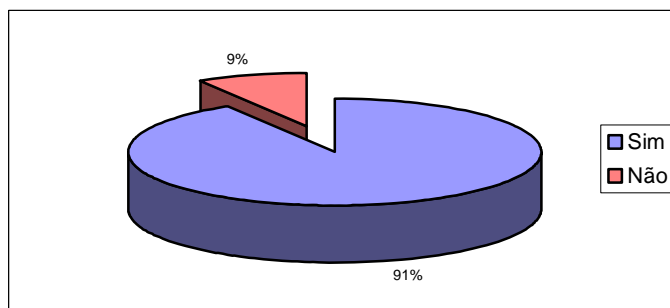
É normal e conseqüente o exercício prático das informações assimiladas pelo intelecto, o que torna o conhecimento mais fácil e prazeroso conforme o relevante percentual de 65% mostrado pelo gráfico.

Gráfico 6 - Qual seu instrumento favorito?

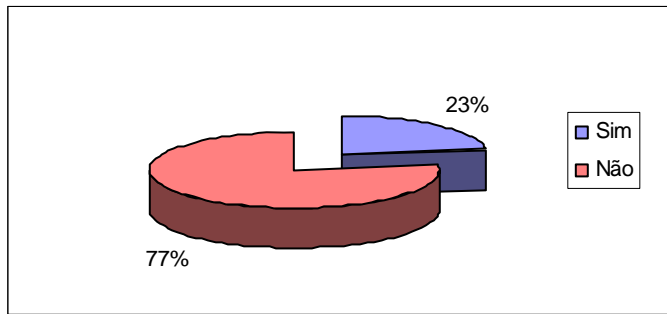


O músico de banda não possui grandes opções na escolha dos instrumentos, recaindo sobre os metais e as madeiras a preferência da grande maioria dos componentes de uma orquestra desse porte.

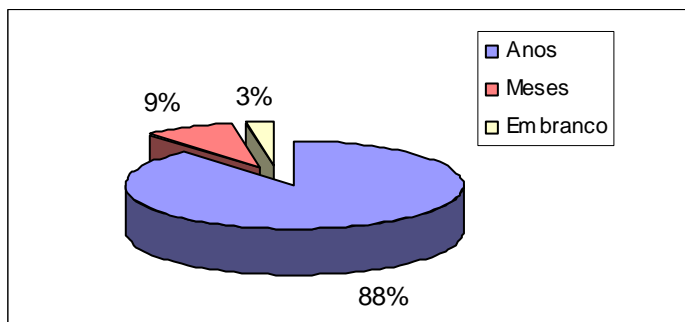
Gráfico 7 – A Sociedade Musical é local propício para as aulas?



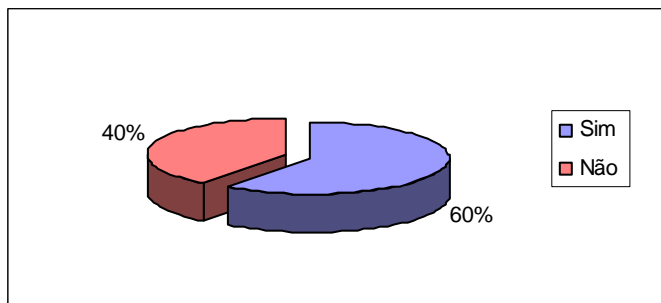
Dos alunos músicos 91% vêem a sede da Escola como um bom local para as aulas, o que é fator importante e facilitador da aprendizagem.

Gráfico 8 – O ensino da música atrapalha outras atividades?

Bom seria que o aluno músico tivesse seu tempo disponível para se dedicar a sua arte e profissão, entretanto a luta pela sobrevivência o obriga a dividir o tempo com outras atividades, o que de certa forma interfere no seu desempenho ideal.

Gráfico 9 – Há quanto tempo estuda música?

Conforme se observa no resultado do gráfico, o árduo estudo da música é constante e requer um longo período de aprendizagem. Estuda-se música durante muitos anos, até a próxima apresentação e depois dela.

Gráfico 10 – Já se apresentou em público?

A maioria dos alunos músicos vê na apresentação pública um desejo realizado, o coroamento da sua aprendizagem e o prazer do reconhecimento pelo aplauso.

CONCLUSÃO

Música, um caminho árduo que requer um longo e dedicado período de formação.

A música instrumental, no Brasil, sofre as conseqüências da escassez de recursos oficiais e incentivos para o seu desenvolvimento. Tenta-se preencher essa lacuna com iniciativas isoladas de algumas entidades particulares, de atuação limitada.

Num país como o nosso, onde as tradições e as estruturas culturais embora ricas, ainda são tão precárias e carentes de atenção, torna-se necessário e importante um levantamento sociológico da situação da vida musical no Brasil. Tornando-se Marechal Deodoro como exemplo, sente-se essa necessidade. Claro que o ideal é ir além de um simples levantamento de dados ou fatos, é preciso um estudo e interpretação de caráter sociológico, histórico e estético, para então ter-se condições de formar uma consciência crítica e histórica face ao nosso passado musical.

As filarmônicas bem podem fornecer valiosos dados sobre os vários gêneros musicais interpretados, os mais executados, os preferidos pelo público, etc., etc.

O músico é um artista. Como tal, tem sua sensibilidade aguçada e deve estar atento e receptivo não apenas aos problemas de sua formação, mas também aos problemas de atuação profissional. A falta de apoio e incentivo por parte dos órgãos ligados à cultura tem reflexos diretos e negativos no mercado de trabalho do músico. Daí, talvez, o estudo da música possuir em nosso país um índice tão restrito, não se ampliando, em decorrência da pequena oferta de mão-de-obra especializada.

O ensino também tem revelado condições precárias. Ao jovem interessado na música não se oferecem grandes opções de escolha do instrumento. São poucas as alternativas e raros os instrumentos de qualidade fabricados no Brasil. Limita-se o ensino quase que exclusivamente ao piano, violão, flauta e violino. O bom músico precisa dispor de tempo para dedicar-se ao seu trabalho.

Talvez se houvesse incentivo por parte do setor privado, empresas, etc., com a criação de tributos, fosse possível estimular e investir na formação de músicos, o que significaria um melhor desenvolvimento e capacitação consciente de nossos artistas do som. Sabe-se que as dificuldades enfrentadas pelas Filarmônicas são uma constante. Não fosse o empenho cívico e emocional das pessoas que dirigem essas associações, elas já teriam sucumbido.

Assim a música, no decurso das épocas, projeta sua contribuição efetiva à história das artes, fazendo a história da música (e por que não a história dos músicos?) - trazendo sua generosa contribuição à cultura universal.

Conclui-se e pode-se reafirmar que a música de Banda em Marechal Deodoro justifica-se como uma importante contribuição para a historicidade cultural da cidade, conferindo-lhe um caráter sócio-educativo, influenciando beneficentemente gerações ao longo de tantos anos de “práxis”, fomentando, preservando, difundindo e mantendo os tradicionais gêneros musicais próprios, característicos e comuns às bandas Filarmônicas, sem, no entanto negar ou impedir o processo natural de mudança sócio-cultural a que toda sociedade está sujeita.

São as Filarmônicas agremiações sociais, artísticas, culturais e educativas e, sobretudo, constituem-se um patrimônio nacional merecendo preservação, manutenção constante, atualização e divulgação.

Diante da quase inexistência de trabalhos de pesquisa nessa área manifestamos nossa esperança e apelo para que novos trabalhos surjam e, num futuro próximo, mais pessoas credenciadas se dediquem a tais estudos.

Faz-se necessário um esforço conjunto dos vários segmentos da Sociedade para que não se apague essa chama de saber cultural e artístico. Quem sabe, através de instituições afins sejam criadas e mantidas bibliotecas, discografias, sites, documentos e arquivos eletrônicos capazes de beneficiar e disponibilizar os conhecimentos indistintamente para toda a população sobre estas escolas democráticas que são as Bandas Filarmônicas.

Há que se ter o cuidado para que as escolas Filarmônicas não parem no tempo. Uma coisa é preservar, outra é estagnar. “Um bom músico pode-se perceber apenas por uma nota que executa...” (Maestro e Prof. Antônio Saiote - Portugal - 2005).

Há muito ainda que buscar, pesquisar, investigar, estudar e propor. O presente trabalho, certamente, constitui uma das formas capaz de contribuir, motivar, despertar, induzir a busca de conteúdos que facilitem a compreensão, divulgação, e promoção dessas entidades educacionais e promotoras de cidadania.

REFERÊNCIAS

A Arte da Música - A linguagem musical - sua história. Uma orquestra Sinfônica - os instrumentos.

ALALEONA, Domingos. **História da música**. 14ª Ed. Editora Ricordi Brasileira, 1984.

ALMEIDA, Renato. **História da música brasileira**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: 1942.

AMARAL, Kleide Ferreira do. **Pesquisa em música e educação**. São Paulo: Edições São Paulo: Loyola, 1991.

Cadernos de compositores alagoanos - UFAL. Centro de Ciências Humanas Letras e Artes-CCHLA. Alagoas: Arquivo Público de Alagoas, 1984.

<http://www.bandasfilarmonicas.com_entrevista_antoniosaiote.php.htm>acesso em: 9 de julho.

CAJAZEIRA, Regina Célia de Souza. **Educação continuada à distância, para músicos da Filarmônica Minerva, Gestão e Curso Batuta**. Tese de Doutorado em Educação Musical. Universidade Federal da Bahia, Escola de Música. Programa de Pós Graduação em Música.

CAVALCANTE. José Osvaldo. **Marechal Deodoro** – referência e perfis: “onde o passado é presente”. Editora Padilha Gráfica & Editora: Maceió, 2004.

CIVITA, Vitor. **Grandes compositores da música universal**. Fascículo 1, São Paulo: 1968.

ELLERICH, Luís. **História da música**. 5ª Ed. São Paulo: Editora Fermata do Brasil, 1977.

FILHO.J. C. Caldeira. **Os compositores**. Coleção Vidas Ilustres. São Paulo: Editora Cultrix.

KIEFER, Bruno. **História da música brasileira dos primórdios do século XX**. Porto Alegre: Editora Movimento, 1982.

KOELLREUTTER, Hans-Joaquim. O ensino da música num mundo modificado. IN: **Anais do I Simpósio Internacional de Compositores**. São Bernardo do Campo, Brasil, 4/10 outubro 1977.

MARIS, Vasco. **História da música no Brasil**. 2ª Ed. Ed. Civilização Brasileira, 1983.

MELLO, Guilherme de A. **A música no Brasil**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1947.

MENDES, José. Sons, sentidos e sentimentos - Arte Cultura. **Gazeta de Alagoas** 02 ago. 1997.

SANTOS, Antonio Raimundo dos. Metodologia Científica - **A construção do conhecimento**. 6ª Ed. Editora D.P. e A Editora, 2004.

SOUZA, Nilton da Silva. **Estudo histórico da tradição municipal de Traipu, de suas personalidades musicais e de seu método de ensino**. Trabalho de Conclusão de Curso para Graduação em Música.

TRAVESSOS, Elizabeth. **Pesquisa e música**: Revista do Centro de Pós-graduação, Pesquisa e Especialização do Conservatório Brasileiro de Música. Vol. I, Rio de Janeiro: 1984.

VÁSQUEZ, Adolfo Sánchez. **Filosofia da práxis**. 4ª ed. Ed. Paz e Terra, 1967

ANEXOS

Relação dos Anexos

1. ATA DA 1ª REUNIÃO. DA FORMAÇÃO DA SOCIEDADE MUSICAL CARLOS GOMES.

2. DIRETORIA ATUAL DA SOCIEDADE MUSICAL CARLOS GOMES.

2.1 - Foto da Diretoria Atual

3. FOTOS HISTÓRICOS DA BANDA

3.1 - Sociedade Musical Carlos Gomes – Maceió. Praça DOM Pedro II Assembléia Legislativa de Maceió, ao fundo Biblioteca Pública Estadual.

3.2 - Maestro Pedro da Riqueta regendo a Carlos Gomes. Bairro Taperaçuá, Marechal Deodoro (AL).

3.3 - Placa de Fundação da Sociedade Musical Carlos Gomes, Salão Angelino Costa, mostra a data de fundação: 15 de novembro de 1915.

3.4 - Foto do Palácio Provincial, hoje Prefeitura Municipal de Mal. Deodoro (AL)

4. FOTOS DO COTIDIANO DA BANDA

4.1 - Hasteamento da Bandeira durante as comemorações de 15 de novembro, referindo-se aos fatos: Proclamação da República e Aniversário da Sociedade Musical Carlos Gomes.

4.2 - Maestros Gerson Geraldo e Edison Camilo, durante a comemoração de aniversário da Banda Sociedade Musical Carlos Gomes.

4.3 - Ensaio da Sociedade Musical Carlos Gomes

5. FOTOS DE DESFILES E APRESENTAÇÕES

5.1 - Desfile cívico da Sociedade Musical Carlos Gomes - Mal. Deodoro(AL)

5.2 - Apresentação da Sociedade Musical Carlos Gomes - Teatro Deodoro - AL

5.3 - Apresentação do Coral Carlos Gomes na sede da Sociedade.

5.4 - Apresentação da banda Sociedade Musical Carlos Gomes no Coreto da Praça Pedro Paulino, regência Edison Camilo: Mal. Deodoro (AL).

6. PARTITURAS:

6.1 - Dobrado mais antigo da Sociedade Musical Carlos Gomes - 1915.

6.2 - Hino de Alagoas – partitura datada de 1912.

6.3 - Hino Oficial da Sociedade Musical Carlos Gomes (1995) - Letra e Música de Adélia Maria de A. Magalhães - Arranjo: Maestro Edison Camilo de Moraes.

6.4 - Hino Oficial da cidade de Marechal Deodoro - Letra: Padre João Leite - Música: Maestro José Ramos.

7. ENTREVISTAS

7.1 - Entrevistas com - “Maestro” Regente - Gerson Geraldo de Oliveira (Sociedade Musical Carlos Gomes).

7.2 - Entrevistas com - “Maestro” Regente - Filarmônica Santa Cecília – José Cláudio do Nascimento.

7.3 - Entrevistas com - “Maestro” Regente - Filarmônica Manoel Alves de França, o próprio.

8. CONVITE e Programação de uma das comemorações alusivas ao dia 15 de novembro, aniversário da República e aniversário da Sociedade Musical Carlos Gomes. (2001)

9. EXEMPLAR DO JORNAL “O Maestro” – Bimestre Jan/Fev 2003, organizado pelo então Presidente Ederaldo Barros.

10. QUESTIONÁRIO DE ENTREVISTAS

10.1 - Questionário aplicado aos alunos da Sociedade Musical Carlos Gomes

10.2 - Questionário aplicado à comunidade de Marechal Deodoro

11.. RELAÇÃO DOS DOBRADOS PERTENCENTES AO REPERTÓRIO DAS BANDAS DE MÚSICA DE MARECHAL DEODORO – AL.

ANEXO 1 - ATA DA FORMAÇÃO DA SOCIEDADE MUSICAL CARLOS GOMES

SOCIEDADE MUSICAL CARLOS GOMES

Mantenedora de sua Escola gratuita de música “Joaquim Gama Filho”

Fundada em 15-11-1915

CGC – 69978575/0001-08 - Cep 57.160-000

Sede: Praça Pedro Paulino, 37 - Marechal Deodoro

Estado de Alagoas

Aos quinze dias do mês de novembro de mil novecentos e quinze, as três horas da tarde, na sede da extinta Sociedade Musical Independente na rua do Amparo sem número nesta cidade de Alagoas, com a presença de diversas pessoas gradas e interessadas pelo desenvolvimento artístico do nosso meio social, realizou-se uma reunião com o fim especial de ficar definitivamente organizada uma Sociedade Musical, tendo sido escolhido pelos presentes para presidir a mesma o cidadão Artur Odorico do Rego. Assumindo a presidência, o referido senhor agradeceu a honra com que acabava de ser distinguido e pedia permissão para convidar a minha pessoa para servir como secretário. O senhor presidente depois de expor os motivos que dava lugar à reunião pediu a todos os presentes que se manifestassem se estavam de acordo com a sua finalidade e dispostos a cooperarem no cometimento de tão simpática significação social, obtendo o mais entusiasta e unânime apoio. Diante da manifestação de solidariedade e interesse, foi por um dos presentes lembrada a conveniência de ser logo discutido e escolhido o título a ser dado. Apresentados diversos e submetidos à apreciação dos presentes foi vitorioso o de Sociedade Musical Carlos Gomes, como homenagem póstuma ao grande musicista brasileiro Antônio Carlos Gomes, padrão de glórias da arte musical pátria, que deste modo, ficou também considerado seu patrono. Em seguida o senhor presidente fez sentir a grande necessidade de ser aproveitada a oportunidade para se proceder por aclamação a escolha da diretoria que devia dirigir os destinos da Sociedade prestes a ser considerada organizada, a partir desta data a 15 de novembro de mil novecentos e quinze, dando-lhe posse em seguida, a fim de que assim, desta data em diante não sofresse solução de continuidade e cooperação necessária de todos

os presentes, para o mais cabal desempenho social, sendo também esta proposta recebida com também, digo, sendo esta proposta recebida com geral aprovação. Procedendo-se a formação da diretoria, ficou assim constituída: Presidente: Antonio Anacleto de Oliveira, Vice-presidente: Zacarias Chaves Barros, 1º Secretário: Otávio Brandão, 2º Secretário: Júlio Gouveia, Tesoureiro: Amerino Lopes Vieira, Diretor Fiscal: Joaquim Almeida Filho, Arquivista: Euclides Amorim, Orador: Lauro de Araújo Jorge. Em seguida o senhor Presidente convidou todos os diretores aclamados para tomarem posse das funções para as quais tinham sido distinguidos. Empossada assim a nova diretoria, o seu Presidente em seu nome e no dos demais companheiros agradeceu a confiança e a honra com que acabava de ser obsequiado, prometendo que tudo faria pelo progresso da Sociedade ora organizada, contando para isso com a imprescindível colaboração e boa vontade de todos os seus conterrâneos. Em seguida o senhor Presidente fez sentir a grande necessidade de ser aproveitada a oportunidade para se proceder, por aclamação, a escolha da diretoria que devia dirigir os destinos da Sociedade preste a ser considerada organizada, a partir desta data a 15 de novembro de mil novecentos e quinze, dando-lhe posse em seguida, a fim de que, assim, desta data em diante não sofresse solução de continuidade e cooperação necessária de todos os presentes, para o mais cabal desempenho social, sendo também esta proposta recebida com geral aprovação. Terminando, lembrou a necessidade de naquele instante também fossem aclamados o Presidente e Vice-Presidente de honra para integralização da diretoria, tendo sido aprovada a sua idéia, recaindo as escolhas nas pessoas dos cidadãos Antonio Cavalcante e Artur Paiva Rego, respectivamente. E para constar lavrei a presente ata, que vai por mim assinada, servindo de secretário pelo presidente, pela diretoria empossada e mais pessoas presentes ao ato.

Otávio Brandão	Alexandre Milito	Julio Antunes
Artur Odorico do Rego	Napoleão Barros	Manuel Cipriano
Antonio Anacleto de Oliveira	Arlindo Amorim	José Ilídio de Lima
Zacarias Chaves Barros	Olívio Pedro Aragão	Amâncio Amorim
Júlio Gouveia	Edezio Silva Souto	Álvaro Amorim
Amerino Lopes Vieira	Augusto Silva Souto	Artur Paiva Rego
Joaquim de Almeida Filho	Leovigildo Silva Souto	Pedro Melo
Euclides Amorim	Francisco Capitulino de Barros	Balbino Correia de Mendonça
Lauro de Araújo Jorge	Olimpio Galvão Filho	Rosalvo Correia de Mendonça
Antonio Cavalcante	João Luis Vieira Filho	Galdino da Hora
Pedro Balbino da Silva		

ANEXO 2- FOTO E TERMO DE POSSE DA DIRETORIA ATUAL DA SOCIEDADE MUSICAL CARLOS GOMES

Figura 5: Foto da Diretoria Atual



BIÊNIO 2005/2007 - TERMO DE POSSE

Em cumprimento ao artigo 13, letra "b"; artigo 14, letra "a-ii" e parágrafos i, ii, iii e artigo 15 do Estatuto da Sociedade Musical Carlos Gomes, e conforme ata da Assembléia Geral Ordinária, realizada em 01/11/2005, na qual foram eleitos os senhores:

DIRETORES:

Gerson Geraldo de Oliveira - Presidente
 Ederaldo José S. de Araújo Barros - Vice-Presidente
 José Cicero dos Santos - Diretor Administrativo
 Antonio Elisaubo A. Carvalho - Vice-Diretor Administrativo
 Edgard Camilo de Moraes - Diretor Financeiro

José Luiz de Oliveira - Vice-Diretor Financeiro
 Edison Camilo de Moraes - Diretor de Patrimônio
 Fernando Soares Cavalcante - Vice-Reitor de Patrimônio
 José Arnaldo dos Santos - Diretor Social
 José Nadson de Lima - Vice-Diretor Social
 Sebastião Grangeiro Neto - Orador Oficial

CONSELHEIROS FISCAIS:

- Ledice Soares Cavalcante
 - Adélia Maria de Amorim de Magalhães,
 - João Avelino de Alcântara
 - Benedito Gouveia da Silva
 - Audo Pereira
 - Miguel Melo Filho
 - Presidente de Honra - Múcio José Costa Amorim
 - Vice-Presidente de Honra - Aloisio José dos Santos

Declaro empossada para o biênio 2005/2007 a nova Diretoria da Sociedade Musical Carlos Gomes.

ANEXO 3 – FOTOS HISTÓRICAS

Figura 6: Sociedade Musical Carlos Gomes Maceió -Praça Dom Pedro II – Assembléia Legislativa



Figura 7: Maestro Pedro da Riqueta regendo a Carlos Gomes. Bairro Taperaçu, Marechal Deodoro (AL).



Figura 8: Placa de fundação da SMCG



Figura 9: Palácio Provincial: Hoje Prefeitura Municipal Mal. Deodoro



ANEXO 4 - FOTOS DO COTIDIANO

Figura 10: Hasteamento da Bandeira durante as comemorações de 15 de novembro, referindo-se aos fatos: Proclamação da República e Aniversário da Sociedade Musical Carlos Gomes.



Figura 11: Maestros Gerson Geraldo e Edison Camilo, durante a comemoração de aniversário da Banda Sociedade Musical Carlos Gomes.



Figura 12: Ensaio da Sociedade Musical Carlos Gomes



ANEXO 5 - FOTOS DE DESFILES E APRESENTAÇÕES

Figura 13: Desfile cívico da Sociedade Musical Carlos Gomes - Mal. Deodoro(AL)



Figura 14: Apresentação da Sociedade Musical Carlos Gomes - Teatro Deodoro AL



Figura 15: Apresentação do Coral Carlos Gomes na sede da Sociedade



Figura 16: Apresentação da Banda Sociedade Musical Carlos Gomes Coreto Praça Pedro Paulino



6 - PARTITURAS

Figura 17: Dobrado mais antigo da Sociedade Musical Carlos Gomes - 1915

Figura 18: Hino Alagoano – partitura datada de 1912

Figura 19: Hino Oficial da Sociedade Musical Carlos Gomes (1995) - Letra e Música de Adélia Maria de A. Magalhães - Arranjo: Maestro Edison Camilo de Moraes.

**Figura 20: Hino Oficial da cidade de Marechal Deodoro.
Letra: Padre João Leite - Música Maestro José Ramos**

ANEXO 7 – ENTREVISTAS

7.1 Entrevista com o Senhor Gerson Geraldo - Regente da Banda Sociedade Musical Carlos Gomes

P. Há quanto tempo está como presidente da Sociedade Musical Carlos Gomes? Já assumiu outros mandatos? Quantos?

R – Na gestão atual, sete meses, mas já assumi outros dois mandatos.

P – Poderia contar um pouco de sua história como músico, regente, profissional e presidente desta entidade?

R – Músico? Comecei desde garoto aqui nesta cidade. Meu primeiro professor de música foi o maestro Benedito Gouveia, que até hoje está entre nós e é membro da diretoria e freqüentador assíduo das apresentações da Carlos Gomes. Para me profissionalizar, busquei a Militar e sempre como músico, cheguei a ser terceiro sargento durante 3 anos e 8 meses. Depois prestei concurso para a Petrobrás e lá passei 24 anos. Consegui me aposentar e me dediquei de corpo e alma à música de minha terra. Já tive oportunidade de sair, já toquei na Alemanha, na Suíça, mas voltei para minhas raízes, com muito orgulho.

P – Como ex-aluno e hoje professor e regente conduzindo o ensino fundamental da música junto a este grupo de mais de 200 alunos, instrumentistas, como se sente e o que gostaria de acrescentar?

R – Pois é, se nós fôssemos atender a todas as solicitações, a escola não comportaria. Atualmente nós temos 110 alunos iniciantes em fase da teoria e solfejo. Temos 30 instrumentistas na segunda fase que já tocam, mas não fazem parte da banda. E temos 80 componentes em média que compõem a Banda Carlos Gomes. Como vê, é quase impossível dar conta de tudo isso sozinho. Há dias, como hoje, que ensino durante os três horários. Faço um esforço porque amo o meu trabalho mas preciso de ajuda em vários sentidos.

P – Faz idéia de quantos músicos ajudou a formar ao longo de sua caminhada como professor e regente?

R – Não. Não faço. Muitos entram e muitos saem. Já passaram pelas minhas mãos cinco ou seis turmas de alunos músicos. Só fazendo um levantamento.

P – Qual o método de ensino que utiliza com o aluno de música?

R - Aqui eu sou uma espécie de “faz tudo”. Dou uma de professor, psicólogo, pai, etc. Uso vários métodos para a teoria: o Bona, o Amadeu Russo, o Maria Luíza Priolli e outros que eu acho que facilitam a aprendizagem.

P – Pelo que pude observar, os grupos são heterogêneos quanto à faixa etária. E no conhecimento musical? Como administra isso?

R – É verdade. Aqui nós temos alunos de 8 a 24 anos. Todos juntos. Embora eu dê algumas orientações e treinos separadamente.

P – Qual ou quais as maiores dificuldades que a Escola enfrenta?

R – A falta de pessoal para me ajudar. Não tenho monitores nem auxiliares. Faço tudo praticamente só, com a ajuda de um ou outro aluno. Ninguém trabalha sem ser remunerado. Graças a Deus ainda conto com a grande ajuda do maestro Edison Camilo que assume dois dias na semana como professor e regente, Mas não é apenas a aula de música ou o ensaio. Temos inúmeros outros encargos que ocupam todo o nosso tempo.

P – Recebe algum incentivo financeiro por parte da Prefeitura e/ou outro órgão, pelo seu trabalho e para a manutenção da Escola?

R – A Banda recebe uma ajuda de apenas dois salários, que foi instituída pelo prefeito Múcio Amorim na década passada. Ajuda, mas é muito pouco. Os instrumentos quebram, se desgastam, precisam de manutenção constante e não tem como pagar por esse serviço. Eu mesmo levo instrumentos para casa e conserto quando é coisa mais simples. Temos ainda uma ajuda em instrumentos, como foi o caso recentemente, recebemos da Fundação Banco do Brasil, 30 instrumentos e da FUNART, 18 instrumentos.

P – Quantos instrumentos compõem a Banda? Quais?

R – Temos: 15 clarinetes, 25 trompetes, 16 trombones, 12 saxes, 7 tubas, 4 bombardinos e 1 par de pratos. Na percussão temos: 6 bombos, 6 caixas, pandeiro, agogô, afoxê, triângulo e outros.

P - O aluno possui um instrumento particular ou utiliza o que pertence à Escola?

R – Alguns têm seu próprio instrumento, mas a maioria pertence à Sociedade Musical Carlos Gomes.

P – Como vê o desempenho e grau de interesse dos músicos da Banda?

R – Considero um desempenho muito bom, apesar das dificuldades. Temos alguns alunos faltosos, mas é normal.

P – Quando ao repertório da Banda, do que consta, como é escolhido?

R – Atualmente é bastante eclético. Vai do dobrado à valsa, ao forró, ao merengue. Eu mesmo como maestro vejo o que é melhor para a Banda e procuro sempre inovar, acrescentar novos ritmos e melodias.

P – Quem compõe os arranjos para a Banda?

R – Nós mesmos. Eu, o maestro Edison Camilo e, às vezes, nós recebemos e trocamos arranjos com outras bandas do país.

P – Há uma tendência ou preferência pelos dobrados ou canções cívico-militares?

R – Sim e não. Sim pela tradição. Foi o gênero da formação da Banda. Precisamos preservar. Por outro lado, sentimos necessidade de inovar, de acompanhar a preferência dos jovens por essa onda de música moderna. Novos ritmos, novas tendências.

P - A Banda apresenta-se em quais eventos?

R – A Banda praticamente cumpre o calendário do município. Festas religiosas e cívicas. Datas históricas, Emancipação, Independência, República, Natal e outras festas populares – carnaval, etc, etc. Aliás, na época do carnaval, vários músicos ou grupos são chamados para outros municípios. É quando se ganha um dinheirinho.

P – Recebe algum pró-labore por apresentação fora do município?

R – Às vezes. É quase sempre em forma de material de consumo ou reposição como palhetas, pastas, etc.

P – Como a comunidade vê a Banda?

R – Como uma produção de profissionais. E tem muito respeito pela banda.

7.2 - Entrevista com o Maestro-Regente da Filarmônica Santa Cecília em: julho de 2006.

P. Sabe-se que a Santa Cecília é a mais antiga filarmônica de Marechal Deodoro. Faz idéia de quantos alunos músicos ajudou a formar?

R – Realmente não temos em número e nem como levantá-lo, pois as primeiras diretorias e ao longo desses quase 100 anos de existência não houve a preocupação de se registrar através de relatório; ou foi de ficha de frequência, ou outro documento, a entrada e saída dos alunos da Escola de música. Sabe-se, porém, que a maioria dos jovens que segue uma profissão nesta cidade, passa pela escola de música e a tendência é seguir o Exército ou a Polícia. É assim que tem acontecido.

P. Há quanto tempo está como regente da Santa Cecília?

R – Há dez anos. Também sou o presidente da Santa Cecília.

P. Poderia citar outros regentes que pertenceram à Santa Cecília?

R – Sim. Dois deles me ajudam nas aulas e na regência. Somos três maestros: José Pinheiro Mota, Amilton José dos Santos e José Cláudio do Nascimento. Posso citar outros: José Ramos, Ovídio Galvão, Olímpio Galvão (pai), José Miguel, Manoel Alves, José Alfredo da Silva, José Rubens dos Santos, Manoel de Aquino, Bráulio (Moreno), além de outros que não lembro agora.

P. Atualmente, quantos alunos músicos fazem parte da Santa Cecília?

R – 140, sendo 90 instrumentistas da Banda e o restante ainda sem instrumento. (50).

P. A Banda possui quantos instrumentos?

R – Em torno de 70. Há alguns quebrados. Os outros pertencem aos próprios alunos.

P. Observei que possui alunos ainda criança de 10 a 11 anos, outros adultos e até maduros na idade. Como administra as aulas com essa discrepância entre as faixas etárias?

R – As aulas são coletivas, mas o atendimento é individual. Eu atendo a cada um e adianto a cada um, de acordo com seu conhecimento e prática.

P. Como vê o desempenho dos alunos?

R – Sempre positivo. Os alunos vêm diariamente à aula de música. São três grandes turmas em três turnos. Nas 2ª, 4ª e 6ª acontecem os ensaios práticos. São poucos os que faltam.

P. Qual o tempo médio que um aluno frequenta a escola?

R – 6 a 8 anos na banda. Uns até mais. Entram crianças e saem adultos, pra servir o Exército, ou a . Alguns seguem outras profissões, mas são poucos.

P. Qual a maior dificuldade que a Escola enfrenta?

R – Apoio financeiro. O resto dá pra ir levando. Eu dou aula os três horários. Não ganho um real, mas faço isso com maior prazer.

P. Quanto ao Repertório tradicional da banda, ainda se executa muito dobrado, ou a música moderna o suplanta?

R – Por mim, só tocava dobrado. Gosto da tradição. Mas sabe como é. Essa onda de Trio Elétrico e Axé da Bahia contagiam a juventude e temos que ceder e mesclar o repertório, para agradar a todos, mas, em toda apresentação, incluímos pelo menos 40% de dobrados.

P. Como a comunidade vê a banda?

R – Aceita muito bem. Respeita e reclama quando a gente não passa numa ou noutra rua. O desfile tinha que ser por todas as ruas! Dizem eles.

P. Quais os dobrados mais executados pela banda?

R – Dobrado 220, Sargento Calhau, Tenente Couto, Sargento Quixaba, Velho Camarada.

- Entrevista com o Senhor Manoel Alves, da Filarmônica Manoel Alves de França, antiga Banda SESI.

P. Quando e quem fundou a Filarmônica Manoel Alves de França?

R – Começou como banda do SESI em outubro de 1966, por iniciativa e apoio do Sr. Napoleão Barbosa – presidente do SESI Alagoas na época.

P. Começou como maestro, regendo a banda do SESI?

R – Não. Comecei regendo a Santa Cecília em 1954, com apenas 20 e pouco anos, onde fui aluno. Meu mestre foi o Professor Moreno. Em 1966 assumi a Banda do SESI e um ano depois fomos convidados para uma apresentação em Maceió, no Palácio do Governo. Foi um sucesso! Uma banda muito jovem e formada por apenas 18 músicos alunos e adolescentes. Foi um desafio, me orgulho até hoje!

P. Quantos músicos compõem hoje a banda?

R – 40 “músicos de estante¹” e 70 alunos ainda em fase de teoria e aprendizagem (sem instrumento).

P. E o repertório da Banda, como é formado?

R – Minha preferência é pelos dobrados, mesmo porque é o estilo característico da formação da Banda. A maioria das nossas partituras é “dobrado”, mas a gente tem que acompanhar as mudanças. E os jovens de hoje estão muito influenciados pela música baiana, essa música de trio elétrico e outras bobagens que o rádio e a televisão empurram de ouvido adentro. Resultado, os meninos pedem essas músicas. E dentro do possível vou adaptando e introduzindo umas e outras para ter um “repertório atualizado”.

P. Como a comunidade vê a banda?

R – Todos aqui, principalmente em Taperaguá, apreciam a banda. Mas tocamos em tudo quanto é festa e comemorações. Só não recebemos dinheiro. Quando alguém de fora nos convida, apenas nos oferece transporte e lanche. Às vezes faltam até palhetas para os instrumentos de sopro e deixamos de nos apresentar.

¹ Músico Estante - aquele que já assume o instrumento lendo e interpretando a partitura.

P. Quanto aos instrumentos, como são adquiridos?

R – O Sesi forneceu os primeiros instrumentos. Hoje temos alunos que possuem seu próprio instrumento, mas a manutenção é difícil e cara, pois não temos mão-de-obra especializada para consertá-los.

P. Na sua família, quantos são músicos?

R – Dos seis filhos homens que tenho, cinco são músicos. Aqui em Marechal Deodoro, toda família tem pelo menos um membro que é músico. Tenho um irmão, Jerônimo Alves dos Santos, grande regente, formado pelo Conservatório de Música Vila Lobos, do Rio de Janeiro, que o considero melhor músico que essa cidade já teve.

P. Posso consultar os arquivos da banda para conhecer de perto o seu repertório?

R – Claro, esteja à vontade.

**ANEXO 8 – CONVITE E PROGRAMAÇÃO DE UMA DAS COMEMORAÇÕES
ALUSIVAS AO DIA 15 DE NOVEMBRO: ANIVERSÁRIO DA REPÚBLICA E
ANIVERSÁRIO DA SOCIEDADE MUSICAL CARLOS GOMES**

ANEXO 9 – EXEMPLAR DO JORNAL “O MAESTRO” – Bimestre Jan/Fev. 2003, organizado pelo então presidente Ederaldo Ramos.

ANEXO 10 – QUESTIONÁRIOS DE ENTREVISTAS

10.1 Questionário Aplicado à Comunidade

1. *Conhece as Bandas de música de sua cidade?*

Sim Não

2. *Costuma assistir às retretas ou apresentações das bandas?*

Sim Não Às Vezes Sempre

3. *Qual o repertório da banda que mais lhe agrada?*

As marchas e dobrados tradicionais
 As músicas modernas
 As duas modalidades

4. *Tem algum membro de sua família que toca ou tocou na banda? Quantos?*

Sim Não Quantos

5. *Tem algum membro de sua família que seguiu a carreira militar?*

Sim Não Quantos

6. *Conhece algum músico na sua rua?*

Sim Não Quantos

7. *Você acha que tocar na banda é uma profissão?*

Sim Não

8. *A banda é importante para a cidade? Por quê?*

Sim Não Por quê? _____

Promove a aproximação e o divertimento entre as pessoas

Concorre para o desenvolvimento sócio-cultural

Possibilita a profissionalização dos jovens

Desperta e mantém o gosto pela música tradicional

Concorda com todas as respostas.

10.2 – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS

1. *Como chegou à Escola de Música Carlos Gomes?*
 - Por convite
 - Por influência de alguém
 - Por interesse próprio

2. *Pretende ser profissional de música?*
 - Sim
 - Não

3. *Pretende ter outra profissão? Qual? (em caso afirmativo)*
 - Sim
 - Não
 - Qual? _____

4. *É músico por vocação?*
 - Sim
 - Não

5. *Prefere a parte teórica ou prática?*
 - Teórica
 - Prática
 - As duas

6. *O ensino da música atrapalha outras atividades?*
 - Sim
 - Não

7. *Qual o instrumento favorito?*
 - _____

8. *A Sociedade Musical Carlos Gomes é local propício para as aulas?*
 - Sim
 - Não

9. *Há quanto tempo estuda música?*
 - Anos
 - Meses

10. *Já se apresentou em público?*
 - Sim
 - Não

**ANEXO 11 - RELAÇÃO DOS DOBRADOS QUE FAZEM PARTE DO
REPERTÓRIO DA SOCIEDADE MUSICAL CARLOS GOMES**

NOME DO DOBRADO	AUTOR	CÓPIA/ANO
Abelardo Lopes	-	1962
Abílio Antunes (Dr.)	Maestro Passinha	1960
Abílio Guimarães	-	1978
Abílio Leão da Cunha	José Aguiar	1940
Adalgisa Lopes	-	1949
Adeus	José Alfredo	1947
Adeus aos colegas	-	1949
Alecrim	Jorge A. Santos	1924*
Alegria de seu Povo	-	1938
Alma Brasileira	Arranjador Tenente Paiva	1987
Alvorada	Manoel Passinha	1958
Alvorada	Osvaldo Cabral	1985
América Soldiers	-	1938
Americana	-	1945
Amerinda Leite	B. Silva	1991
Anchor Aweigh	-	1950
Âncoras levantadas	-	1985
Aniversário de Wanderlei	Antônio Gonzaga	1995
Antônio Luis	Manoel Leite	1916*
Apuros	Ubaldo de Abreu	1994
Apuros de um bombardista	-	1957
Arariboia	-	1936
Aunir Vinícius	José Romero	2000
Ave Maria (Gounot)	Arr. José Ramos	1991
Barão do Rio Branco	-	1950
Barro Vermelho	-	1946
Batista de Melo	-	1993
Batuta	Osvaldo Cabral	1960
Belvita	S. Aguiar	1947
Benedito Alípio	-	1985
Bombardeio da Bahia	Antônio E. Santos	1948
Brasil Eterno	Cibdon Lyra	1947
Brigada Guedes Júnior	-	1961
Brigada Hora	R.K. Lima	1954
Brigada Leituga	Estevam Moura	1946

* Partituras, Dobrados com escrita e data original.

NOME DO DOBRADO	AUTOR	CÓPIA/ANO
Brigada Lúcio	Pereirinha Costa	1915*
Brigada Passinha	Manoel Passinha	1948
Brigada Vianna	Manoel Passinha	1947
Canção da Marinha	-	1945
Canção do Amor Cubano	Jurandy Mamede	1931*
Canção do Expedicionário	Spartana Rossi	1945
Capitão Amorim	-	1986
Capitão Carsulo	Ismael Maranhão	1985
Capitão Manoel Nascimento	-	1948
Capitão Manoel Passinha	José Alfredo	1987
Capitão Ney Borba	-	1985
Clerubim Rosa	-	1960
Colegas de Arte	-	1957
Comandante Porto Alegre	-	1957
Coronel Bogey	Lona e Areia	1945
Coronel Henrique Pereira	Amábilio Bulhões	1943
Coronel Jurandy Mamede	-	1931
Coronel Maynard	Antonio França	1949
Coronel Muniz de Farias	-	1961
Coronel Souza Aguiar	A. Bulhões	1985
Cristiciliane	José Mota Pinheiro	2001
Danúbio Azul	-	1945
Deus Proverá	José Ramos de Oliveira	1995
Dizendo a Deus	Pedro Salgado	1955
Dobrado 174	-	-
Dobrado 18	Epaminondas de Araújo Barros	1945
Dobrado 219	Jota Machado	1926*
Dobrado 26 de Janeiro	-	1985
Dobrado 35	-	-
Dobrado Batuta	-	1988
Dobrado Cláudio Lins	-	1968
Dobrado de H. Guerreiro	-	-
Dobrado Major Walmer	-	-
Dobrado Mestre Pedro	-	1986
Dobrado Nº 2 Fakir	-	1932
Dobrado por J. Wlisses	-	1957
Dobrado Porto	-	-
Dobrado Saudade de	-	1948

NOME DO DOBRADO	AUTOR	CÓPIA/ANO
Timbaúba		
Dobrado Tong	Cícero Lemos	1940
Dobrado Sonhador	-	1945
Dois Corações	-	-
Dr. Francisco	Estevam Moura	1972
Edgard Argolo	Heráclyo Guerreiro	1995
Edival Lemos	José Ramos	1966
Eftá	José Ramos	1995
Eis o Homem	José Ramos de Oliveira	2001
Emblema Nacional	Benedito E. Rego	1945
Escorpião	-	-
Evocação	-	1983
Figueireiro	Antônio Oliveira	1987
Filoca Santana	Heráclyo Guerreiro	1993
Fraternidade	Corderense	1968
Fulminante	J. Phelip e Souza	1985
General Arnaldo	-	1990
General Barbosa	-	1946
General Klinger	M. Guerreiro	1961
General Manoel Rabelo	José Nascimento	1988
Glória	-	1985
Grande Povo	José Ramos	1992
Hei de Vencer	-	1978
Heráclyo Guerreiro	-	-
Horácio de Matos	Heráclyo Guerreiro	2003
Horácio França	-	1943
Horácio Rios	-	1972
Invejável	-	1985
Janjão	-	-
Jerônimo Santa Bárbara	Edeltrudes Oliveira Teles	1995
Jesualdo Ribeiro	Manoel Passinha	1991
João Bastos	-	1985
João da Luz	João Astrogildo Aguiar	1929*
João Luis	-	1985
João Martins	Manoel Passinha	1943
José Aloísio	-	1940
José de Arimatéia	José Ramos	1963
José do Egito	José Ramos	2001
José Ramos	Isaías Gonçalves Amorim	1993

NOME DO DOBRADO	AUTOR	CÓPIA/ANO
Jubileu	Anacleto de Medeiros	1988
Juvêncio Lessa	-	-
Lamentações de Jeremias	José Ramos	1993
Leão 25	-	1953
Lembrança do Requinto	Calorman Araújo Simões	1915*
Longe da Pátria	-	1985
Manoel Ferreira Jatobá	-	1986
Mão de Luva	Joaquim Neugele cópia	1985
Marcha nº 10	-	1950
Mário Damasceno	Armando Oliveira	1993
Mato Grosso	Matias Alves de Almeida	1993
Minha Homenagem	-	1977
Misael Mendonça	José Machado dos Santos	1940
Moisés Redondo	-	-
More	-	1957
Nações Unidas	-	1988
Napoleão Barros	-	-
Nossos Hinos	Armando Oliveira	1934
O Guarani	Antônio Carlos Gomes	-
O Soldado	-	-
O Vencedor – Sport	-	-
Os Amantes da Lira	-	-
Os Gansos do Capitólio	-	-
Os Mendigos	José Ramos	1990
Padre Osman de Carvalho	Ariston Custódio Silva	1948
Padre Raul Alves	-	-
Palhaço	Thieres Cardoso	1963
Paris Belfort	-	1944
Pela Pátria	José Alfredo da Silva	1945
Perseguido dos Amigos	-	1957
Professor Djalma	-	1985
Quando você foi embora	José Ramos	2003
Quatro dias de viagem	-	1986
Quatro Tenentes	-	1985
Quinze de Novembro	-	-
Raul Alberto da Cunha Pinto	Manoel Passinha	1950
Rebate	-	1987
Recordação da Bahia	Antônio E. Santos	1948
Recordação de José Messias	-	-

NOME DO DOBRADO	AUTOR	CÓPIA/ANO
Recordação de Nazaré	Luis Magno	1947
Recordações de Afonso	-	-
Recordar é Viver	Cícero Luciano	1993
Revolta do Porto	-	-
Rio Quatrocentão	Joaquim Naugele	1994
Roberto do Diabo	Cavatina	1985
Santa Cecília	Olímpio Galvão	1961
São Benedito	-	1949
Sargento Calhau ou Canção do Marinheiro	Antônio Manoel E. Santos	1945
Sargento dos Dragões da Independência	José Germano Costa	1939
Sargento Hermes Peixoto	Edson Camilo de Moraes	1989
Sargento Quixaba	-	1993
Sargento Theodomiro Bazzanela	-	-
Saudade de Jurema	B. Salgado	1979
Saudade de Maceió	Arr. Manoel Passinha	1972
Saudades de Osman e Heitor	-	-
Saudoso	-	-
Sempre Grêmio	José Ramos de Oliveira	1987
Sete de Setembro	José Rodrigues dos Santos	1947
Silvino Rodrigues	-	1972
Silvio Romero	José Melo	1930*
Sinfônico Camponês	Elude F. Melo	2002
Tem Dono?	José Ramos de Oliveira	2003
Tenente Coronel Fabrício	-	1946
Tenente Couto	-	
Tenente Domingos Bezerra	Manoel Passinha	1947
Tenente Edison	-	1975
Tenente Eury	Antônio Prudente	1960
Tenente Feliciano	-	-
Tenente Gomes da Cunha	-	-
Tenente Isaías	João do Nascimento	1986
Tenente Lefch	-	-
Tenente Monteiro	-	1955
Tenente Portugal Ramalho	Antônio Passinha	1943
Tenente Rocha Lima	José Aguiar	1961
Tiro de Guerra	Américo Castro	1948

NOME DO DOBRADO	AUTOR	CÓPIA/ANO
Três de Maio	José Ramos de Oliveira	1995
Tributo a um Campeão	-	1994
Tusca	-	-
Vagabundo	Major Joaquim Belarmino	1915*
Valdemar Viana	Estevam Moura	1941
Velho Camarada	-	1945
Verde e Branco	Estevam Moura	1943
Vinte de Junho	-	-
Vinte e Sete de Julho	João Correia	1947
Vinte e Três de Setembro	José Ramos de Oliveira	1949
Virgílio Ribeiro	-	-
Zaqueu	José Ramos de Oliveira	1995

Obs. As datas que constam nas partituras geralmente correspondem às datas da cópia, sabendo-se que sua escrita original é muito anterior àquela data registrada.

A cada apresentação da banda ou desfile cívico são incluídos, para execução, pelo menos cinco dobrados num repertório. Se a banda faz em média 30 apresentações públicas por ano, executa 150 dobrados. Durante a década de 1985 a 1995, a banda fez 300 apresentações. Considerando-se a média anual, logo executou 1500 dobrados, o que é um número significativo em razão do natural processo de mudança e a introjeção de outros gêneros no repertório da banda. Conclui-se que há uma forte e significativa tendência pela preservação do gênero dobrado como integrante usual da banda, o que parece alimentar sua saudável tradição musical, como também o gosto e preferência por grande parte da comunidade.